

Bernardo de Vasconcelos e Sousa Paula Marques

Sobre a Natureza da Empatia

Uma possível ponte entre o Pensamento Económico e as
Neurociências

Dissertação de Mestrado

Orientador: Professor Doutor Nuno Ornelas Martins

Porto

2009

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DO PORTO – PÓLO DA FOZ
FACULDADE DE ECONOMIA E GESTÃO
MESTRADO EM ECONOMIA

Sobre a Natureza da Empatia

Uma possível ponte entre o Pensamento Económico e as
Neurociências

Por:

Bernardo de Vasconcelos e Sousa Paula Marques

Dissertação de Mestrado

Orientador: Professor Doutor Nuno Ornelas Martins

Porto

2009

How selfish soever man may be supposed, there are evidently some principles in his nature,
which interest him in the fortune of others, and render their happiness necessary to him,
though he derives nothing from it except the pleasure of seeing it.

Adam Smith (2002 [1759]: p.11)

Índice

Sumário executivo	xi
--------------------------	-----------

Questões de investigação e metodologia	xv
---	-----------

Capítulo 1 | Smith: Simpatia, Propriedade e Espectador Imparcial

Introdução	1
1.1 Simpatia.....	1
1.2 Propriedade	2
1.3 Espectador Imparcial.....	4
Conclusões	5

Capítulo 2 | Veblen: Instintos, Fases e Reciprocidade

Introdução	7
2.1 Instintos.....	7
2.2 Fases.....	8
2.3 Reciprocidade.....	10
Conclusões	11

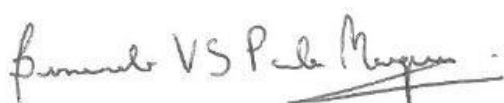
Capítulo 3 | Schumpeter, Galbraith e Gendron : Destruição do Capitalismo, Balanço Social e Capital Emocional

Introdução	13
3.1 Destruição do Capitalismo	13
3.2 Balanço Social.....	15
3.3 Capital Emocional.....	19
Conclusões	22

Capítulo 4 | Neurociências: Oxitocina, Neurónios Espelho, Emoções, Sentimentos e Empatia

Introdução	23
4.1 Oxitocina	23
4.2 Neurónios Espelho	25
4.3 Emoções e Sentimentos.....	28
4.4 Empatia	31
Conclusões	33
 Conclusão geral	 35
 Referências bibliográficas	 37

Confirmando que este trabalho foi por mim realizado e que todo o material proveniente de outras fontes foi devidamente referenciado na sua totalidade.

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Bernardo VS Paula Marques', with a horizontal line drawn underneath the name.

Bernardo de Vasconcelos e Sousa Paula Marques

Porto, 12 de Outubro de 2009

Sumário Executivo

Avanços recentes no domínio das neurociências têm motivado uma discussão em torno do papel da ‘empatia’ nas interações sociais (Damásio, 2005; Rizzolatti & Craighero, 2005; Decety & Lamm, 2006). A tese pretende contribuir para esta discussão através da produção de quatro capítulos em que se aplica o método histórico a conceitos relacionados com a ‘empatia’, três dos quais no domínio da história do pensamento económico e um último centrado em contributos recentes das neurociências.

Mais especificamente, o primeiro capítulo sintetiza o conceito de ‘simpatia’ na filosofia moral de Adam Smith, relacionando-o com os noções de ‘propriedade’ e de ‘espectador imparcial’. O segundo capítulo enquadra o instinto de ‘reciprocidade’ nas diversas ‘fases’ e ‘instintos’ de Thorstein Veblen. O terceiro capítulo integra as teorias de ‘destruição de capitalismo’ de Joseph Schumpeter, ‘balanço social’ de John Galbraith e ‘capital emocional’ de Bénédicte Gendron. O quarto e último estudo apresenta dois avanços recentes das neurociências, um no domínio químico (‘oxitocina’) e o outro neuronal (‘neurónios espelho’), seguido da distinção entre ‘emoções’ e ‘sentimentos’ segundo António Damásio e da sistematização de algumas definições alternativas de ‘empatia’. No final é produzida uma breve conclusão geral que procura integrar reflexões oriundas dos quatro estudos.

Em seguida apresentam-se as principais conclusões de cada capítulo.

No **Capítulo 1** (‘Smith: Simpatia, Propriedade e Espectador Imparcial’) conclui-se o seguinte:

1. Aplicáveis tanto a sentimentos positivos como negativos, os processos de ‘simpatia’ de Adam Smith podem ser classificados de ‘simpatia directa’ ou ‘simpatia indirecta’ conforme a tipologia de indivíduos envolvidos e o grau de concordância de sentimentos. Designadamente, um processo de interação entre um ‘espectador’ e um ‘agente’ em que ocorre concordância de sentimentos e há percepção sobre essa mesma concordância descreve-se como ‘simpatia directa’. A ‘simpatia indirecta’ ocorre quando o esquema de avaliação é tri-partido e caracteriza a relação entre o ‘espectador’ e o ‘alvo’, não exigindo concordância de sentimentos.
2. Neste contexto, a ‘propriedade’ torna-se fundamental para o processo de ‘empatia’ em dois sentidos. Primeiro como competência do ‘agente’ para adequar o seu discurso à comunicação com o ‘espectador’. Em segundo, e mais importante, como forma de distinguir o termo ‘propriedade’ do termo ‘mérito’, na medida em que o primeiro está ligado ao *motivo*

subjacente à acção e o segundo à *consequência*. A novidade que Smith trouxe na época foi o reavivamento do primeiro, inspirado na sua formação clássica.

3. Por fim, o ‘espectador imparcial’ é importante na medida em que até à introdução deste conceito, os indivíduos envolvidos no processo de ‘empatia’ são díspares entre si. Ao introduzir o ‘espectador imparcial’ Smith funde as três entidades numa só, dando uma dimensão moral ao processo. De acordo com o autor, é esta dimensão moral que leva os indivíduos em determinadas circunstâncias a abandonar os seus próprios interesses em prol dos interesses de outros.

O **Capítulo 2** (‘Veblen: Instintos, Fases e Reciprocidade’) permite concluir que:

4. Segundo Thorstein Veblen, o ser humano tem três ‘instintos’: ‘trabalho’ (‘workmanship’), ‘reciprocidade’ (‘parental bent’) e ‘curiosidade’ (‘idle curiosity’). Tais instintos são definidos pelo autor como propensões naturais comuns a todos os seres humanos, de natureza hereditária, desempenhando um ‘propósito evolutivo. Acrescem ainda as noções de ‘fase’: ‘selvagem’ (‘savagery’), ‘predatória’ (‘predatory’) e ‘comercial’ (‘commercial’); e ‘técnica’, sendo a avanços na ‘técnica’ que se fica a dever a demarcação entre ‘fases’.
5. Assim, o instinto de ‘reciprocidade’ enquadra-se nas diferentes ‘fases’ e ‘instintos’ de Veblen nos seguintes termos: na fase ‘selvagem’, a ‘reciprocidade’ revelar-se-ia na dedicação do ser humano à vida comunitária, já que tal dedicação ajudaria a aumentar as hipóteses de sobrevivência da ‘comunidade’ (‘trabalho’) e que tal relacionamento fomentaria o desenvolvimento de meios de ‘comunicação’ (‘curiosidade’).
6. Na segunda fase, ‘predatória’, a predisposição para ajudar a ‘comunidade’ centrar-se-ia na participação em actividades bélicas e religiosas, devido à necessidade de defesa dos excedentes da ‘comunidade’ (‘trabalho’) e à sua crença no misticismo (‘curiosidade’).
7. Na terceira e última fase, a obediência ao quadro legal, institucional e meritocrático vigente (‘trabalho’), e a crença no ‘mercado’ como motor de desenvolvimento da ‘comunidade’, levariam o ser humano a relacionar-se entre si através da competição de ‘mercado’.

No que concerne o **Capítulo 3** (‘Schumpeter, Galbraith e Gendron : Destruição do Capitalismo, Balanço Social e Capital Emocional’) conclui-se que:

8. A teoria da ‘destruição do capitalismo’ concebida por Joseph Schumpeter, a teoria do ‘balanço social’ de John Kenneth Galbraith, e a teoria do ‘capital emocional’ de Bénédicte

Gendron têm em comum o facto de explorarem a ‘endogeneidade’ do sistema social, com algum ênfase no comportamento humano.

9. A exploração da endogeneidade da sociedade pode ser vista em Schumpeter quando este se refere, por exemplo, à forma como os avanços tecnológicos promovidos pela ‘função empreendedora’ fomentariam a criação de empresas de grande dimensão, que por sua vez conduziriam à perda de relevância do empreendedorismo. Galbraith, por sua vez, menciona o processo através do qual o crescimento da ‘produção’ conduziria a um ‘consumo’ exponencial fomentado pelo ímpeto da comparação social e pela aplicação de técnicas de publicidade cada vez mais sofisticadas. Por fim, Gendron alerta para a forma como algumas alterações institucionais (e.g. instabilidade familiar) teriam um impacto negativo na produção de ‘capital emocional’ que por sua vez conduziria a novas alterações institucionais através da deterioração da coesão social.
10. Por outro lado, tais teorias centram parte da sua análise no comportamento humano. Por exemplo, Schumpeter explora o grau de adequação entre o tipo de actividades desempenhadas (i.e. empreendedorismo e governação) e a vocação de cada classe social; Galbraith explicita a propensão do homem para a comparação e imitação social; e Gendron estabelece o papel das competências emocionais no desenvolvimento de capital humano.

No **Capítulo 4** (‘Neurociências: Oxitocina, Neurónios Espelho, Emoções, Sentimentos e Empatia’) obtêm-se o seguinte desidrato:

11. A pré-disposição química e neuronal do ser humano para a ‘reciprocidade’ está patente em dois avanços recentes no domínio das neurociências: a substância química ‘oxitocina’ e o sistema de ‘neurónios espelho’. A ‘oxitocina’ tem sido amiúde apontada como contribuindo para o sucesso da ‘reciprocidade’ do ser humano na medida em que a sua presença potenciaria o acasalamento, o parto e a amamentação. No que respeita ao parto, por exemplo, ter-se-á obtido evidência de que a presença de ‘oxitocina’ facilitaria a contracção de tecidos moles, como os que caracterizam o sistema reprodutivo e mamário.
12. No que concerne o sistema de ‘neurónios espelho’, sabe-se que opera a partir de diferentes partes do cérebro humano, consoante a função activada, que por sua vez depende da tipologia de acção executada ou observada, designadamente: os ‘neurónios espelho’ responsáveis pela compreensão motora estão localizados no córtex pré-motor e parietal e são activados mediante a execução ou observação de uma acção motora, sendo amiúde apontados como

responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem gestual; os ‘neurónios espelho’ dedicados à compreensão das intenções estão localizados no lóbulo parietal inferior e são activados mediante a execução ou observação de uma acção motora, mas também aquando da execução ou observação de uma cadeia de acções – sem carga emocional – que lhe estão relacionadas, sendo impactados pelo contexto da acção, tipo de objecto e grau de repetição. Por fim, os ‘neurónios espelho’ responsáveis pela compreensão de emoções estão localizados na insula e amígdala, seriam activados com a execução ou observação de acções com elevada carga emocional, através da replicação das emoções percebidas nos outros, e estariam na base do comportamento ético e moral do ser humano.

13. Em Damásio as ‘emoções’ tratam-se de um processo biorregulatório neuronal, e os ‘sentimentos’ seriam melhor descritos como um processo de mapeamento mental dessas mesmas ‘emoções’. Em particular, um ‘sentimento ligado a emoção’ tratar-se-ia de um processo através do qual o indivíduo experiencia de forma consciente a manifestação física do seu estado emocional, sendo tal experiência possível devido à contínua monitorização de processos biológicos, tanto neurais como químicos. Assim, quando um indivíduo experiencia um ‘sentimento ligado a emoção’ a sua atenção tende a localizar-se na sua resposta corporal.
14. As definições de ‘empatia’ presentes na literatura partilham entre si o ênfase que atribuem à noção de replicação do estado emocional entre o observador e o observado, i.e. teoria da mente. Eisenberg (2000), por sua vez, estabelece uma importante diferenciação entre ‘empatia pura’ e ‘simpatia’ na medida em que ‘empatia pura’ seria uma réplica automática do estado mental do outro, ou da percepção do indivíduo sobre o estado mental do outro, em que a distinção entre um e outro esbate-se; enquanto a ‘simpatia’ envolve um processo cognitivo em que o indivíduo compreende o estado emocional do outro, desencadeando um sentimento de dor, pena ou preocupação pelo outro, ainda que os seus estados mentais possam não sejam necessariamente coincidentes.
15. Neste contexto, em que as posições sobre a motivação original para o processo de ‘empatia’ se situariam entre ‘egoísta’ ou ‘altruísta’, seríamos levados a sugerir que a posição de Adam Smith estaria mais do lado dos últimos (‘altruísta’), na medida em que em Smith dá-se uma clara distinção entre o ‘eu’ e o ‘outro’ e a concordância de sentimentos não é um pré-requisito.

Questões de investigação e metodologia

Com esta tese pretende-se responder às seguintes questões de investigação:

RQ1: Qual o processo de ‘simpatia’ descrito por Adam Smith, e qual a sua relação com os conceitos de ‘propriedade’ e ‘espectador imparcial’?

RQ2: Como se enquadra o instinto de ‘reciprocidade’ nas diferentes fases e instintos de Thorstein Veblen?

RQ3: Como integrar a dimensão de bem público subjacente ao conceito de ‘capital emocional’ de Bénédicte Gendron, à luz das teorias da ‘destruição do capitalismo’ e do ‘balanço social’, de Joseph Schumpeter e John Kenneth Galbraith, respectivamente?

RQ4: De que modo contribuem a ‘oxitocina’ e os ‘neurónios espelho’ para a ‘reciprocidade’ entre seres humanos? Qual a distinção entre ‘emoções’ e ‘sentimentos’ em António Damásio? Quais as mais recentes definições de ‘empatia’ na literatura das neurociências?

A tese procura responder a estas questões recorrendo ao método histórico. Assim, cada estudo se inicia com a consulta da obra dos autores em análise. Quando aplicável, tal análise é acompanhada da sistematização de ideias que terão influenciado o pensamento dos referidos autores, assim como de interpretações sobre o seu pensamento.

Capítulo 1. Adam Smith: Simpatia, Propriedade e Espectador Imparcial

Introdução

‘A Teoria dos Sentimentos Morais’ (TSM) (Smith, 2002 [1759]) foi a primeira obra publicada por Adam Smith, nela se encontrando desenvolvida a sua filosofia moral¹. Com este capítulo pretende-se enquadrar o processo de ‘simpatia’ no pensamento de Adam Smith, e estabelecer a sua relação com os conceitos de ‘propriedade’ e ‘espectador imparcial’. Este capítulo segue de perto o trabalho desenvolvido por Montes (2004).

1.1. Simpatia

O processo de ‘simpatia’ descrito na TSM aplica-se a sentimentos² de cariz positivo (e.g. alegria) ou negativo (e.g. dor)³, e refere-se à interacção entre diferentes tipos de indivíduos: o ‘agente’, que desenvolve uma determinada acção; o ‘espectador’, que obtém informação sobre os *motivos* e/ou *consequências* da acção; e o ‘alvo’, que sofre as consequências da acção.

Quando o processo envolve apenas o ‘agente’ e o ‘espectador’, a informação partilhada é apenas sobre os *motivos* da acção e diz-se estar perante um processo de ‘simpatia directa’, em que o esquema é de ‘duas estações’, se, e só se (i) o ‘agente’ e o ‘espectador’ partilharem sentimentos

¹ De notar que a TSM foi editada um total de seis vezes durante a vida do autor (1759, 1761, 1767, 1774, 1781 e 1790), existindo uma discussão na literatura sobre a tipologia das alterações introduzidas entre edições (Montes, 2004: pp.18-19).

² O significado do termo ‘sentimentos’ utilizado por Adam Smith ganha um novo sentido quando analisado à luz da distinção entre ‘sentimentos’ e ‘emoções’ de António Damásio (*vide* capítulo 4, secção 4.3).

³ *Vide* Smith (2002 [1759]: p.13): “Pity and compassion are words appropriated to signify our fellow-feeling with the sorrow of others. Sympathy, though its meaning was, perhaps, originally the same, may now, however, without much impropriety, be made use of to denote our fellow-feeling with any passion whatever.”; (p.18): “Sympathy (...) enlivens joy by presenting another source of satisfaction; and it alleviates grief by insinuating into the heart almost the only agreeable sensation which it is at that time capable of receiving.”

idênticos sobre os referidos *motivos* e (ii) se o ‘espectador’ perceber essa mesma concordância de sentimentos⁴.

Se o processo envolver o ‘agente’, o ‘espectador’ e o ‘alvo’, o esquema de avaliação moral é de ‘duas estações’, acrescentando informação sobre as *consequências* da acção. Neste tipo de interacção pode ocorrer um processo de ‘simpatia directa’ entre o ‘espectador’ e o ‘agente’ em termos similares aos descritos acima, e ainda um processo paralelo de ‘simpatia indirecta’ entre o ‘espectador’ e o ‘alvo’, não sendo necessário haver concordância de sentimentos entre ambos⁵.

Por fim, não sendo o conceito de ‘simpatia’ uma novidade na literatura à época⁶, o que torna o pensamento de Smith original é o ênfase que atribui ao conceito de ‘propriedade’⁷ e a sua distinção face à noção de ‘mérito’.

1.2. Propriedade

Em Smith, o termo ‘propriedade’ é mencionado em dois contextos. Num primeiro, o autor refere-se a ‘propriedade’ como uma competência psicológica do ‘agente’ no momento em que transmite a informação ao ‘espectador’, no sentido de facilitar o acompanhamento e concordância com a

⁴ Vide Smith (2002 [1759]: p.91): “The approbation of propriety therefore requires, not only that we should entirely sympathize with the person who acts, but that we should perceive this perfect concord between his sentiments and our own.”

⁵ Vide Smith (2002 [1759]: p.91): “(...) when I hear of a benefit that has been bestowed upon another person, let him who has received it be affected in what manner he pleases, if, by bringing his case home to myself, I feel gratitude arise in my own breast, I necessarily approve of the conduct of his benefactor, and regard it as meritorious, and the proper object of reward. Whether the person who has received the benefit conceives gratitude or not, cannot, it is evident, in any degree alter our sentiments with regard to the merit of him who has bestowed it. No actual correspondence of sentiments, therefore, is here required.”

⁶ Vide Hutcheson (2002 [1728]) e Hume (2000 [1739]).

⁷ De notar que o conceito de ‘propriedade’ em língua portuguesa tem uma dupla correspondência em língua inglesa, ‘property’ e ‘propriety’. Pese embora ambos os conceitos tenham vindo a ser aplicados de forma relativamente permutável na literatura de filosofia moral, e ambos sejam cruciais no pensamento Smithiano (Montes, 2004: 98-99), aqui interessa-nos explorar a segunda concepção, i.e. ‘propriety’, na medida em que esta é central para o conceito de ‘simpatia’ de Smith.

benevolência dos seus *motivos*⁸. Tal ‘propriedade’ é alcançada através da propensão natural do ‘agente’ para considerar os sentimentos de um espectador imparcial⁹.

Num segundo contexto, Adam Smith aplica o termo ‘propriedade’ da acção para distinguir do seu ‘mérito’. Em particular, para o autor o primeiro conceito relaciona-se com a concordância do *motivo* subjacente à acção do ‘agente’ e o segundo prende-se com a concordância da *consequência* de tal acção¹⁰.

Na medida em que tal distinção remonta à filosofia moral clássica, a sua importância no pensamento de Adam Smith é apenas entendível à luz da corrente de pensamento vigente na primeira metade do século XVIII, em que a primeira (‘propriedade’) havia sido largamente negligenciada em prol da segunda (‘mérito’) (Montes, 2004: p.102), facto de que Smith estava plenamente ciente¹¹.

Não deixando o conceito de ‘mérito’ – positivo¹² ou negativo¹³ – de ter um papel preponderante na avaliação da moralidade de Smith, o autor demonstra uma forte convicção de que a natureza humana é sensível à ‘propriedade’, e logo aos *motivos* da acção na avaliação da sua moralidade¹⁴.

⁸ Vide Smith (2002 [1759]: p.32): “(...) propriety (...) the pitch which the spectator can go along with (...)”.

⁹ Vide Smith (2002 [1759]: p.47): “(...) our natural sense of propriety (...) to consider what will be the sentiments of the cool and impartial spectator.”

¹⁰ Vide Smith (2002 [1759]: p.78): “(...) the sentiment or affection of the heart, (...) may be considered under two different aspects (...): first, in relation to the cause or object which excites it; and, secondly, in relation to the end which it proposes, or to the effect which it tends to produce.”

¹¹ Vide Smith (2002 [1759]: p.23): “Philosophers have, of late years, considered chiefly the tendency of affections, and have given little attention to the relation which they stand in to the cause which excites them. In common life, however, when we judge of any person’s conduct, and of the sentiments which directed it, we constantly consider them under both these aspects.”

¹² Vide Smith (2002 [1759]: pp.124-125): “He must not be satisfied with indolent benevolence, nor fancy himself the friend of mankind, because in his heart he wishes well to the prosperity of the world. That he may call forth the whole vigour of his soul, and strain every nerve, in order to produce those ends which it is the purpose of his being to advance. (...) The man who has performed no single action of importance, but whose whole conversation and deportment express the justest, the noblest, and most generous sentiments, can be entitled to demand no very high reward, even though his inutility should be owing to nothing but the want of an opportunity to serve. We can still refuse it him without blame. We can still ask him, What have you done? What actual service can you produce, to entitle you to so great a recompense? We esteem you, and love you; but we owe you nothing.”

¹³ Vide Smith (2002 [1759]: p.125): “To punish, on the contrary, for the affections of the heart only, where no crime has been committed, is the most insolent and barbarous tyranny.”

1.3. Espectador Imparcial

Seguindo de perto a cronologia da TSM, até este ponto o ‘agente’, o ‘espectador’ e o ‘alvo’ são nos apresentados como indivíduos distintos. Todavia, na terceira parte do livro¹⁵, Smith introduz o conceito de ‘espectador imparcial’ como uma entidade psicológica interior ao próprio agente, como tal passando a existir uma única entidade, atribuindo dessa forma uma dimensão moral ao processo de ‘empatia’.

Ao longo da obra, Smith descreve o ‘espectador imparcial’ recorrendo a diversos termos, incluindo ‘the man within the breast’, ‘the great arbitrator of our conduct’, ‘the judge within’ (Montes, 2004: p.104).

Para Smith, esta voz interior é desenvolvida quando os indivíduos atingem a maturidade e/ou quebram a imagem frequentemente sobrevalorizada que têm de si próprios^{16 17 18}. Segundo Smith é

¹⁴ Vide Smith (2002 [1759]: p.123): “The happy or unprosperous event of any action, is not only apt to give us a good or bad opinion of the prudence with which it was conducted, but almost always too animates our gratitude or resentment, our sense of the merit or demerit of the design.”

¹⁵ Vide Smith (2002 [1759]: p.128): “Of the foundation of our judgments concerning our own sentiments and conduct, and of the sense of duty”.

¹⁶ Vide Smith (2002 [1759]: p.131): “When I endeavour to examine my own conduct, when I endeavour to pass sentence upon it, and either to approve or condemn it, it is evident that, in all such cases, I divide myself, as it were, into two persons; and that I, the examiner and judge, represent a different character from that other I, the person whose conduct is examined into and judged of. The first is the spectator, whose sentiments with regard to my own conduct I endeavour to enter into, by placing myself in his situation, and by considering how it would appear to me, when seen from that particular point of view. The second is the agent, the person whom I properly call myself, and of whose conduct, under the character of a spectator, I was endeavouring to form some opinion. The first is the judge; the second the person judged of.”

¹⁷ Vide Smith (2002 [1759]: p.168): “(...) thus enters into the great school of self-command, it studies to be more and more master of itself, and begins to exercise over its own feelings a discipline which the practice of the longest life is very seldom sufficient to bring to complete perfection.” and also (p.177): “hardships, dangers, injuries, misfortunes, are the only masters under whom we can learn the exercise of this virtue. But these are all masters to whom nobody willingly puts himself to school.”

¹⁸ Vide Smith (2002 [1759]: p.183): “The opinion which we entertain of our own character depends entirely on our judgments concerning our past conduct. It is so disagreeable to think ill of ourselves, that we often purposely turn away our view from those circumstances which might render that judgment unfavourable. He is a bold surgeon, they say, whose hand does not tremble when he performs an operation upon his own person; and he is often equally bold who does not hesitate to pull off the mysterious veil of self-delusion, which covers from his view the deformities of his own conduct.

devido à existência dessa voz interior que, em determinadas situações, os indivíduos escolhem abandonar os seus próprios interesses em prol dos interesses de outros¹⁹.

Conclusão

Aplicáveis tanto a sentimentos positivos como negativos, os processos de ‘simpatia’ de Adam Smith podem ser classificados de ‘simpatia directa’ ou ‘simpatia indirecta’ conforme as tipologias de indivíduos envolvidos e o grau de concordância de sentimentos. Designadamente, um processo de interação entre um ‘espectador’ e um ‘agente’ em que ocorre concordância de sentimentos e há percepção sobre essa mesma concordância descreve-se como ‘simpatia directa’. A ‘simpatia indirecta’ ocorre quando o esquema de avaliação é tri-partido e caracteriza a relação entre o ‘espectador’ e o ‘alvo’, não exigindo concordância de sentimentos.

Neste contexto, a ‘propriedade’ torna-se fundamental para o processo de ‘empatia’ em dois sentidos. Primeiro como competência do ‘agente’ para adequar o seu discurso à comunicação com o ‘espectador’. Em segundo, e mais importante, como forma de distinguir o termo ‘propriedade’ de ‘mérito’, na medida em que o primeiro está ligado ao *motivo* subjacente à acção e o segundo à *consequência*. A novidade que Smith trouxe na época foi o reavivamento do primeiro, inspirado na sua formação clássica.

Por fim, o ‘espectador imparcial’ é importante na medida em que até à introdução deste conceito, os indivíduos envolvidos no processo de ‘empatia’ são díspares entre si. Ao introduzir o ‘espectador imparcial’ Smith funde as três entidades numa só, dando uma dimensão moral ao processo. De acordo com o autor, é esta dimensão moral que leva os indivíduos em determinadas circunstâncias a abandonar os seus próprios interesses em prol dos interesses de outros.

¹⁹ Vide Smith (2002 [1759]: p.158): “When we are always so much more deeply affected by whatever concerns ourselves, than by whatever concerns other men; what is it which prompts the generous, upon all occasions, and the mean upon many, to sacrifice their own interests to the greater interests of others? It is not the soft power of humanity, it is not that feeble spark of benevolence which Nature has lighted up in the human heart, that is thus capable of counteracting the strongest impulses of self-love. It is a stronger power, a more forcible motive, which exerts itself upon such occasions. It is reason, principle, conscience, the inhabitant of the breast, the man within, the great judge and arbiter of our conduct.”

Capítulo 2. Thorstein Veblen: Instintos, Fases e Reciprocidade

Introdução

No presente capítulo é analisada a obra ‘The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts’ (IW) (1918 [1914]), de Thorstein Veblen¹, enquadrando-se o instinto de ‘reciprocidade’ (‘parental bent’) nas três ‘fases’ de Veblen e nos restantes ‘instintos’, na medida em que estes seriam interdependentes: na fase ‘selvagem’ a ‘reciprocidade’ revelar-se-ia através da dedicação do ser humano à vida comunitária, fomentando desse modo o desenvolvimento de meios de comunicação e aumentando as hipóteses de sobrevivência da ‘comunidade’; na fase ‘predatória’, a predisposição para ajudar a ‘comunidade’ centrar-se-ia na participação em actividades bélicas e religiosas, devido à necessidade de defesa dos excedentes da ‘comunidade’ e à crença no misticismo; e na fase ‘comercial, e última, a obediência ao quadro legal, institucional e meritocrático vigente, e a crença no ‘mercado’ como motor de desenvolvimento da ‘comunidade’, conduziriam o ser humano a relacionar-se através da competição de ‘mercado’.

2.1. Instintos

Para Veblen, o termo ‘instinto’² refere-se a uma propensão natural³ comum ao ser humano⁴, de origem hereditária⁵, que serve um propósito evolutivo⁶ e distingue-se de outras características

¹ Thorstein Veblen publica a sua primeira obra, ‘The Theory of the Leisure Class’, em 1899.

² Vide Veblen (1918 [1914]: p.2): “A genetic inquiry into institutions will address itself to the growth of habits and conventions, as conditioned by the material environment and by the innate and persistent propensities of human nature; and for these propensities, as they take effect in the give and take of cultural growth no better designation than the time-worn "instinct" is available.”

³ De notar que ao longo da obra Veblen refere-se a ‘instinto’ utilizando uma variedade de termos, incluindo ‘distinguishable propensities’, ‘native proclivities’, ‘instinctive proclivities’, ‘human instincts’, ‘instinctive dispositions’, ‘instinctive aptitudes’, ‘sense’.

⁴ Vide Veblen (1918 [1914]: p.1): “For mankind as for the other higher animals, the life of the species is conditioned by the complement of instinctive proclivities and tropismatic aptitudes with which the species is typically endowed. (...) Nothing falls within the human scheme of things desirable to be done except what answers to these native proclivities of man.”

inatas (e.g. reflexos anatómicos) na medida em que é experienciada de forma consciente pelo ser humano⁷.

Os ‘instintos’ classificados por Veblen são o trabalho (‘workmanship’), a reciprocidade (‘parental bent’) e a curiosidade (‘idle curiosity’). Interagindo e reforçando-se mutuamente⁸, os ‘instintos’ referem-se a um conceito intemporal. São, pois, os ‘hábitos’⁹, enquanto instanciação dos ‘instintos’ em cada ‘fase’, que evoluem¹⁰, tornando-se incipientes com o tempo¹¹.

⁵ Vide Veblen (1918 [1914]: p.13): “The instincts are hereditary traits. (...) as spiritual traits emerging from a certain concurrence of physiological unit characters and varying somewhat according to variations in the complement of unit characters to which the species or the individual may owe his constitution.”

⁶ Vide Veblen (1918 [1914]: p.3, *itálicos nossos*): “(...) what distinguishes one instinct from another is that each sets up a characteristic *purpose, aim, or object to be attained*, different from the objective end of any other instinct.”

⁷ Vide Veblen (1918 [1914]: pp.3-4, *itálicos nossos*): “(...) Instinctive action is teleological, *consciously* so, and the teleological scope and aim of each instinctive propensity differs characteristically from all the rest. (...) instincts are to be defined or described neither in mechanical terms of those anatomical or physiological aptitudes that causally underlie them or that come into action in the functioning of any given instinct, nor in terms of the movements of orientation or taxis involved in the functioning of each.”

⁸ Vide Veblen (1918 [1914]: p.29): “The instincts, all and several, though perhaps in varying degrees, are so intimately engaged in a play of give and take that the work of any one has its consequences for all the rest, though presumably not for all equally.”

⁹ Vide Cordes (2005: p.1): “Veblen ascribes the origins of institutions to learned habits and ultimately to innate instincts, which provide a set of basic drives of human action, in the context of particular material conditions. Compared to instincts, which are directed toward a concrete objective end, habits are the means by which these ends can be reached and a flexible way of adapting to complexity.”

¹⁰ Vide Veblen (1918 [1914]: p.17, *itálicos nossos*): “These unremitting changes and adaptations that go forward in the scheme of institutions, legal and customary, unremittingly induce new *habits* of work and of thought in the community, and so they continually instil new principles of conduct; with the outcome that the same range of instinctive dispositions innate in the population will work out to a different effect as regards the demands of race survival.”; (p. 12): “(...) that in some measure the several instincts spring from a common ground of sentient life, that they each engage the individual as a whole, has serious consequences in the domain of habit, and therefore it counts for much in the growth of civilisation and in the everyday conduct of affairs.”

¹¹ Vide Veblen (1918 [1914]: p.20): “Therefore the fitness of any given type of human nature for life after the manner and under the conditions imposed by any later phase in the growth of culture is a matter of less and less secure presumption the farther the sequence of institutional change has departed from that form of savagery which marked the initial stage in the life-history of the given racial stock.”

2.2. Fases

Ao segregar a evolução do ser humano em ‘fases’, o autor segue a obra antropológica de Lewis Morgan, ‘Ancient Society’ (1877), em que é descrita a existência de dois ‘períodos étnicos’: o período ‘selvagem’ (‘savagery’) e o período ‘bárbaro’ (‘barbarism’)¹², sendo este último separado em ‘lower status barbarism’, ‘middle’ e ‘upper’. Veblen, porém, modifica o termo ‘período étnico’ para ‘fase’, altera o nome do período ‘bárbaro’ para ‘predatório’ (‘predatory’) e adiciona uma fase que apelida de ‘comercial’ (‘commercial’)¹³. Por outro lado, para o autor é à técnica, nomeadamente à sua natureza *contínua*¹⁴ e *colectiva*¹⁵, que se fica a dever a demarcação entre fases.

Segundo Veblen, durante a fase ‘selvagem’ o ser humano teria uma vivência rudimentar, na medida em que não dominava técnicas de produção¹⁶, e não seria desprovido de vocação bélica¹⁷. Nesta

¹² It is both a natural and a proper desire to learn, if possible, how all these ages upon ages of past time have been expended by mankind; how savages, advancing by slow, almost imperceptible steps, attained the higher condition of barbarians; how barbarians, by similar progressive advancement, finally attained to civilization; and why other tribes and nations have been left behind in the race of progress - some in civilization, some in barbarism, others in savagery. It is not too much to expect that ultimately these several questions will be answered. (Morgan, 1877: pp. 17-18)

¹³ Vide Veblen (1918 [1914]: pp.180-181, *itálicos nossos*): “In the West, where the predatory phase proper has eventually given place to a *commercial phase* of the same pecuniary culture, the general run of events in this bearing has been a decline of knowledge, technology and workmanship, running on so long as the predatory (coercive) rule prevailed unbroken, but followed presently by a slow recovery and advance in technological efficiency and scientific insight; somewhat in proportion as the *commercialisation of this culture* has gained ground, and therefore correlated also in a general way with the decline of religious fear.”

¹⁴ Vide Veblen (1918 [1914]: p.103): “In the main, the state of the industrial arts is always a heritage out of the past; it is always in process of change, perhaps, but the substantial body of it is knowledge that has come down from earlier generations. New elements of insight and proficiency are continually being added and worked into this common stock by the experience and initiative of the current generation, but such novel elements are always and everywhere slight and inconsequential in comparison with the body of technology that has been carried over from the past.

¹⁵ Vide Veblen (1918 [1914]: p.103, *itálicos nossos*): “Technological knowledge is of the nature of a common stock, held and carried forward *collectively* by the community, which is in this relation to be conceived as a going concern. The state of the industrial arts is a fact of *group life* (...). It is an affair of *the collectivity* (...).”

¹⁶ Vide Veblen (1918 [1914]: pp.121-122, *itálicos nossos*): “What is known of the conditions of life in early neolithic times indicates that the first requisite of competitive survival was a more or less close attention to the business in hand, the providing of subsistence for the group and the rearing of offspring - closer attention, for instance, than was given to this business by those other rival stocks whom the successful ones displaced; all of which throws into the foreground as indispensable native traits of the successful race the parental bent and the sense of workmanship, rather than those instinctive traits that make for disturbance of the peace”

¹⁷ Vide Veblen (1918 [1914]: p.123): “(...) a community which has to make its own living by the help of a rudimentary technological equipment can not afford to be habitually occupied with annoying its neighbours, particularly so long as its neighbours have not accumulated a store of portable wealth which will make raiding worth while.”

fase, o ‘trabalho’ teria uma natureza ‘colectiva’ e a vivência seria eminentemente ‘comunitária’¹⁸ (‘reciprocidade’), promovendo-se o aparecimento de meios de ‘comunicação’¹⁹ (‘curiosidade’).

Com o desenvolvimento de técnicas de produção, ataque e defesa, e na medida em que o direito à propriedade era, ainda, uma noção inexistente, tais avanços teriam conduzido, respectivamente, à formação de excedentes, ao saque, e à defesa, dando-se início à fase ‘predatória’. Em tal ambiente, o ‘trabalho’ teria ganho uma natureza ‘predatória’, ‘coerciva’ e ‘mística’, formando-se hierarquias sociais com base na acumulação da ‘propriedade de bens’²⁰; por outro lado, o sentimento de ‘reciprocidade’ teria sido remetido para um plano simbólico, em que a religião²¹ ocuparia um papel crucial²², reflectindo-se numa ‘curiosidade’ acrescida pela materialidade e simbolismo dos bens.

Por fim, de acordo com Veblen, a passagem para a fase ‘comercial’ ter-se-ia dado com a transição do sistema feudal para o sistema político, passando a vigorar um sistema de regras instituídas, idênticas para todos. Neste contexto, teria sido introduzido um regime de trabalho pecuniário, assente nos conceitos de ‘preço’ e ‘meritocracia’ (‘trabalho’), e o *ranking* dos estratos sociais ter-se-ia formado com base no nível de ‘consumo ostentatório’, fomentando desse modo a

¹⁸ Vide Morgan (1877: pp.439): “One thing is plain, namely, that these lands were owned in common by a community of persons; but one, not less essential, is not given; namely, the bond of union, which held these persons together. If a gens, or a part of a gens, the whole subject would be at once understood.”

¹⁹ Vide Veblen (1918 [1914]: p.108): “At the same time the industrial community must comprise a full complement of such specialised occupations, and must also be bound together in a system of communication sufficiently close and facile to allow the technological contents of all these occupations to be readily assimilated into a systematic whole.”

²⁰ Vide Veblen (1918 [1914]: p.157): “With the advent of warfare comes the war chief, into whose hands authority and pecuniary emoluments gather somewhat in proportion as warlike exploits and ideals become habitual in the community. More or less of loot falls into the hands of the victors in any raid. The loot may be goods, cattle if any, or men, women and children; any or all of which may become (private) property and be accumulated in sufficient mass to make a difference between rich and poor.”

²¹ Vide Morgan (1877: p.169): “The Aztecs, like the Northern Indians, neither exchanged nor released prisoners. Among the latter the stake was the doom of the captive unless saved by adoption; but among the former, under the teachings of the priesthood, the unfortunate captive was offered as a sacrifice to the principal god they worshiped. To utilize the life of the prisoner in the service of the gods, a life forfeited by the immemorial usages of savages and barbarians was the high conception of the first hierarchy in the order of institutions.”

²² Vide Veblen (1918 [1914]: p.161): “The sentiment of common interest, itself in good part a diffuse working-out of the parental instinct, comes at the best to converge on the glory of the flag instead of the fullness of life of the community at large, or more commonly it comes to be centred in loyalty, that is to say in subservience, to the common war-chief and his dynastic.”; (p.162): “It commonly happens where predatory enterprise comes to be habitual and successful that the temporal power, tends to centre in an autocratic and arbitrary ruler; and in this as in so much else, spiritual affairs are likely to take their complexion from the temporal, resulting in a strong drift toward an autocratic monotheism, which in the finished case comes to a climax in an omnipotent, omniscient deity of very exalted dignity and very exacting temper.”

‘concorrência’ e ‘competição’ entre os membros da comunidade (‘reciprocidade’). Por fim, neste ambiente o instinto de ‘curiosidade’ teria visto a sua relevância significativamente reduzida em detrimento da preponderância atribuída ao instinto do ‘trabalho’²³.

2.3. Reciprocidade

Veblen menciona explicitamente na sua obra que o instinto de ‘reciprocidade’²⁴ (‘parental bent’) a que se refere se centra no relacionamento do ser humano com a ‘comunidade’ em que se encontra inserido²⁵.

Assim, na fase ‘selvagem’, o instinto de ‘reciprocidade’ manifestar-se-ia no hábito de dedicação à vida comunitária, na medida em que tal dedicação ajudaria a aumentar as hipóteses de sobrevivência da ‘comunidade’ (‘trabalho’) e que tal relacionamento fomentaria a sua curiosidade, através da ‘comunicação’; a segunda fase, ‘predatória’, a predisposição para ajudar a ‘comunidade’ centrar-se-ia na participação em actividades bélicas e religiosas, devido à necessidade de defesa dos excedentes da ‘comunidade’ (‘trabalho’) e à sua crença no misticismo (‘misticismo’); na terceira e última fase, a obediência ao quadro legal, institucional e meritocrático vigente (‘trabalho’), e a

²³ *Vide* Veblen (1918 [1914]: pp.226-227): “Probably, also, no class of men have ever bent more unremittingly to their work than the modern business community. Within the business community there is properly speaking no leisure class, or at least no idle class. (...) The business community is hard at work, and there is no place in it for anyone who is unable or unwilling to work at the high tension of the average; and since this close application to pecuniary work is of a competitive nature it leaves no chance for any of the competitors to apply himself at all effectually to other than pecuniary work.”

²⁴ De acordo com Murphey, na nota introdutória à sua edição de ‘The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts’: “The most basic of Veblen’s instincts is called the “parental bent”. Such specific instincts as the instinct of reproduction and the so-called maternal instinct he regarded as components of the parental bent, but the latter is more general and is taken to include all feelings of solicitude for the welfare of others.” (Veblen, 1990 [1914]: pp. xvii)

²⁵ *Vide* Veblen (1918 [1914]: pp.26-27): “As the expression is here understood, the “Parental Bent” is an instinctive disposition of much larger scope than a mere proclivity to the achievement of children. (...) It is difficult or impossible to say how far the current solicitude for the welfare of the race at large is to be credited to the parental bent, but it is beyond question that this instinctive disposition has a large part in the sentimental concern entertained by nearly all persons for the life and comfort of the community at large, and particularly for the community’s future welfare. Doubtless this parental bent in its wider bearing greatly reinforces that sentimental approval of economy and efficiency for the common good and disapproval of wasteful and useless living that prevails so generally throughout both the highest and the lowest cultures, unless it should rather be said that this animus for economy and efficiency is a simple expression of the parental disposition itself. It might on the other hand be maintained that such an animus of economy is an essential function of the instinct of workmanship, which would then be held to be strongly sustained at this point by a parental solicitude for the common good.”

crença no ‘mercado’ como motor de desenvolvimento da ‘comunidade’, teriam levado o ser humano a relacionar-se competindo através do ‘mercado’.

Conclusão

Segundo Thorstein Veblen, o ser humano tem três ‘instintos’: ‘trabalho’ (‘workmanship’), ‘reciprocidade’ (‘parental bent’) e ‘curiosidade’ (‘idle curiosity’). Tais instintos são definidos pelo autor como propensões naturais comuns a todos os seres humanos, de natureza hereditária, desempenhando um ‘propósito evolutivo. Acrescem ainda as noções de ‘fase’: ‘selvagem’ (‘savagery’), ‘predatória’ (‘predatory’) e ‘comercial’ (‘commercial’); e ‘técnica’, sendo a avanços na ‘técnica’ que se fica a dever a demarcação entre ‘fases’.

Assim, o instinto de ‘reciprocidade’ enquadra-se nas diferentes ‘fases’ e ‘instintos’ de Veblen nos seguintes termos: na fase ‘selvagem’, a ‘reciprocidade’ revelar-se-ia na dedicação do ser humano à vida comunitária, já que tal dedicação ajudaria a aumentar as hipóteses de sobrevivência da ‘comunidade’ (‘trabalho’) e que tal relacionamento fomentaria o desenvolvimento de meios de ‘comunicação’ (‘curiosidade’).

Na segunda fase, ‘predatória’, a predisposição para ajudar a ‘comunidade’ centrar-se-ia na participação em actividades bélicas e religiosas, devido à necessidade de defesa dos excedentes da ‘comunidade’ (‘trabalho’) e à sua crença no misticismo (‘curiosidade’).

Na terceira e última fase, a obediência ao quadro legal, institucional e meritocrático vigente (‘trabalho’), e a crença no ‘mercado’ como motor de desenvolvimento da ‘comunidade’, levariam o ser humano a relacionar-se entre si através da competição de ‘mercado’.

Capítulo 3. Joseph Schumpeter, John Galbraith e Bénédicte Gendron: Destruição do Capitalismo, Balanço Social e Capital Emocional

Introdução

Neste capítulo são apresentadas três teorias que exploram a endogeneidade do sistema social: a teoria da ‘destruição do capitalismo’ concebida por Joseph Schumpeter, a teoria do ‘balanço social’ de John Galbraith, e a teoria do ‘capital emocional’ de Bénédicte Gendron. Por outro lado, estas teorias têm em comum o facto de em parte se centrarem no comportamento humano, na medida em que Schumpeter explora o grau de adequação da tarefa à vocação, ora para empreender, ora para gerir a coisa pública; Galbraith explicita a propensão do homem para a imitação social; e Gendron estabelece o papel das competências emocionais no desenvolvimento do capital humano. As secções abaixo centram-se na análise das obras ‘Capitalism, Socialism and Democracy’ (CSD) (Schumpeter, 2003 [1943]), ‘The Affluent Society’ (TAS) (Galbraith, 1998 [1958]), e ‘Why Emotional Capital Matters in Education and in Labour?’ (ECMEL) (Gendron, 2004).

3.1. Destruição do Capitalismo

Em CSD (2003 [1943]) é apresentada a teoria de Schumpeter sobre a ‘destruição do capitalismo’, que assenta em três processos endógenos ao próprio capitalismo: a ‘obsolescência da função empreendedora’, a ‘destruição da estratificação social’, e a ‘destruição do quadro institucional’.

Quanto ao primeiro processo, a ‘função empreendedora’ teria sido crucial na origem e avanço do capitalismo, dada a sua contribuição para o processo de destruição criativa. Porém, encontrar-se-ia em movimento de regressão em detrimento do surgimento e prevalência de empresas de maior dimensão, fenómeno fomentado pela introdução de avanços tecnológicos – sendo estes mesmos avanços um produto do próprio capitalismo¹.

¹ *Vide* Schumpeter (2003 [1943]: p. 134): “(...) if capitalist evolution—“progress”— either ceases or becomes completely automatic, the economic basis of the industrial bourgeoisie will be reduced eventually to wages such as are paid for current administrative work excepting remnants of quasi-rents and monopoloid gains that may be expected to linger on for some time. Since capitalist enterprise, by its very achievements, tends to automatize progress, we conclude that it tends to make itself superfluous—to break to pieces under the pressure of its own success. The perfectly bureaucratized giant industrial unit not only ousts the small or

No que concerne o segundo processo, a ‘estratificação social’, caracterizada como a simbiose entre os sistemas feudal e burguês, teria sido um elemento chave para o capitalismo na medida em que havia permitido uma alocação óptima das funções governativa e empreendedora às classes mais vocacionadas para o seu exercício. Todavia, encontrar-se-ia ameaçada pelo esbatimento introduzido pela mobilidade social – mobilidade essa que seria um produto do próprio capitalismo².

Quanto ao terceiro e último processo, o ‘quadro institucional’, que incluiria as noções de ‘propriedade privada’ e ‘liberdade contractual’, teria permitido fomentar a ‘iniciativa privada’ e nessa medida contribuído decisivamente para o desenvolvimento económico. Contudo, em igual medida, tal contexto encontrar-se-ia ameaçado: a primeira noção ‘propriedade’ seria colocada em cheque por via da redução do número de indivíduos empreendedores em detrimento do crescimento acentuado do número de trabalhadores em nome de outrém, com as consequências eleitorais que daí adviriam³, bem como do aparecimento de um número crescente de empresas cuja propriedade se encontraria separada da gestão, daí resultando num menor alinhamento com a concepção seminal de ‘propriedade’ indissociável, segundo Schumpeter, da ideia de ‘iniciativa privada’⁴; a segunda noção, ‘liberdade contratual’, seria colocada em causa pelo crescente ênfase na

medium-sized firm and “expropriates” its owners, but in the end it also ousts the entrepreneur and expropriates the bourgeoisie as a class which in the process stands to lose not only its income but also what is infinitely more important, its function.

² Vide Schumpeter (2003 [1943]: p. 138): “The bourgeois class is ill equipped to face the problems, both domestic and international, that have normally to be faced by a country of any importance. (...) Within a protecting framework not made of bourgeois material, the bourgeoisie may be successful, not only in the political defensive but also in the offensive, especially as an opposition. For a time it felt so safe as to be able to afford the luxury of attacking the protective frame itself; such bourgeois opposition as there was in imperial Germany illustrates this to perfection. But without protection by some nonbourgeois group, the bourgeoisie is politically helpless and unable not only to lead its nation but even to take care of its particular class interest. Which amounts to saying that it needs a master.”

³ Vide Schumpeter (2003 [1943]: pp. 140-141): “The political structure of a nation is profoundly affected by the elimination of a host of small and medium-sized firms the owner-managers of which, together with their dependents, henchmen and connections, count quantitatively at the polls and have a hold on what we may term the foreman class that no management of a large unit can ever have; the very foundation of private property and free contracting wears away in a nation in which its most vital, most concrete, most meaningful types disappear from the moral horizon of the people.”

⁴ Vide Schumpeter (2003 [1943]: p. 141): “Excepting the cases that are still of considerable importance in which a corporation is practically owned by a single individual or family, the figure of the proprietor and with it the specifically proprietary interest have vanished from the picture. There are the salaried executives and all the salaried managers and submanagers. There are the big stockholders. And then there are the small stockholders. (...) No element of any of those three groups into which I schematized the typical situation unconditionally takes the attitude characteristic of that curious phenomenon, so full of meaning and so rapidly passing, that is covered by the term Property.”

burocratização contratual implícita a um ambiente em que operam empresas daquela natureza, em contraste com a tónica na liberdade de escolha que seria própria da fase inicial do capitalismo⁵.

Nestes termos, para Schumpeter a destruição do capitalismo ficaria a dever-se a processos formados endogenamente no sistema capitalista, resultando numa sociedade com: mais técnica, mas menos criatividade; mais mobilidade social, mas menos vocação para a gestão do património colectivo; mais desenvolvimento colectivo, mas menos liberdade individual.

A secção seguinte poder-se-á considerar uma continuidade do trabalho de Schumpeter na medida em que o conceito de ‘Balanço Social’ trata de avaliar a capacidade do capitalismo gerar a produção de bens públicos essenciais à sua continuidade.

3.2. Balanço Social

O conceito de ‘balanço social’ é-nos apresentado em TAS (1998 [1958]) por Galbraith como o equilíbrio entre bens privados e públicos, em matéria de ‘produção’, ‘consumo’ e ‘investimento’. Para o autor a ‘produção’⁶ e o ‘consumo’⁷ de bens privados são processos de crescimento exponencial, na medida em que o aparecimento de um bem na economia alimentaria o surgimento

⁵ Vide Schumpeter (2003 [1943]: p. 141): “Freedom of contracting is in the same boat. In its full vitality it meant individual contracting regulated by individual choice between an indefinite number of possibilities. The stereotyped, unindividual, impersonal and bureaucratized contract of today—this applies much more generally, but a potiori we may fasten upon the labor contract—which presents but restricted freedom of choice and mostly turns on a *c’est à prendre ou à laisser*, has none of the old features the most important of which become impossible with giant concerns dealing with other giant concerns or impersonal masses of workmen or consumers. The void is being filled by a tropical growth of new legal structures—and a little reflection shows that this could hardly be otherwise.”; (p.133): “Thus, economic progress tends to become depersonalized and automatized. Bureau and committee work tends to replace individual action.”; (p.143): “The capitalist process, so we have seen, eventually decreases the importance of the function by which the capitalist class lives. We have also seen that it tends to wear away protective strata, to break down its own defenses, to disperse the garrisons of its entrenchments. And we have finally seen that capitalism creates a critical frame of mind which, after having destroyed the moral authority of so many other institutions, in the end turns against its own; the bourgeois finds to his amazement that the rationalist attitude does not stop at the credentials of kings and popes but goes on to attack private property and the whole scheme of bourgeois values.”

⁶ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 199): “The output of steel and oil and machine tools is related to the production of automobiles. Investment in transportation must keep abreast of the output of goods to be transported.”

⁷ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 200): “An increase in the use of one product creates, ineluctably, a requirement for others. If we are to consume more automobiles, we must have more gasoline. There must be more insurance as well as more space on which to operate them. Beyond a certain point, more and better food appears to mean increased need for medical services. This is the certain result of increased consumption of tobacco and alcohol. More vacations require more hotels and more fishing rods.”

de novos bens que a ele pudessem estar associados. Além do mais, tal complementaridade aplicar-se-ia também entre bens privados e bens públicos, já que o crescimento da ‘produção’ e ‘consumo’ de bens privados implicaria um aumento da ‘produção’ e ‘consumo’ de bens públicos⁸.

Porém, reportando-se à sociedade americana, para o autor o ‘balanço social’ não seria uma realidade atendível na medida em que a ‘produção’ de bens privados seria significativamente superior à de bens públicos⁹, com os riscos que lhe viriam associados como, por exemplo, o aumento da delinquência juvenil atribuível ao ‘consumo’ de determinados bens privados¹⁰.

Tal desequilíbrio estaria fundado em três fenómenos: o ‘efeito da dependência’, a ‘trégua à desigualdade’ e a ‘tendência para a inflação’.

Quanto ao ‘efeito da dependência’, para Galbraith o ‘consumo’ de bens privados dependeria da sua ‘produção’ devido à forte propensão dos indivíduos para a imitação social, atribuível a factores psicológicos^{11,12} e sociais¹³, e ao recurso a técnicas de publicidade e marketing por empresas

⁸ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 200): “However, the relationships we are here discussing are not confined to the private economy. They operate comprehensively over the whole span of private and public services. As surely as an increase in the output of automobiles puts new demands on the steel industry so, also, it places new demands on public services. Similarly, every increase in the consumption of private goods will normally mean some facilitating or protective step by the state. (...) an increase in the consumption of automobiles requires a facilitating supply of streets, highways, traffic control and parking space. The protective services of the police and the highway patrols must also be available, as must those of the hospitals.”

⁹ Vide Galbraith (1998 [1958]: pp. 200-201): “(...) our use of privately produced vehicles has, on occasion, got far out of line with the supply of the related public services. That result has been hideous road congestion, a human massacre of impressive proportions and chronic colitis in the cities. As on the ground, so also in the air. Planes are delayed or collide over airports with disquieting consequences for passengers when the public provision for air traffic control fails to keep pace with the private use of the airways.(...) The more goods people procure, the more packages they discard and the more trash that must be carried away. If the appropriate sanitation services are not provided, the counterpart of increasing opulence will be deepening filth.”

¹⁰ Vide Galbraith (1998 [1958]: pp. 201-202): “ (...) an aspect of increasing private production is the appearance of an extraordinary number of things which lay claim to the interest of the young. Motion pictures, television, automobiles and the vast opportunities which go with the mobility they provide, together with such less enchanting merchandise as narcotics, comic books and pornography, are all included in an advancing Gross Domestic Product. (...) In a community where public services have failed to keep abreast of private consumption, (...) Schools do not compete with television and the movies. The dubious heroes of the latter, not Ms. Jones, become the idols of the young. Violence replaces the more sedentary recreation for which there are inadequate facilities or provision. Comic books, alcohol, narcotics and switchblade knives are, as noted, part of the increased flow of goods, and there is nothing to dispute their enjoyment. There is an ample supply of private wealth to be appropriated and not much to be feared from the police. An austere community is free from temptation. It can be austere in its public services. Not so a rich one.”

¹¹ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 135): “(...) One man's consumption becomes his neighbor's wish. This already means that the process by which wants are satisfied is also the process by which wants are created. The more wants that are satisfied, the more new ones are born.” Nestes termos o autor segue de perto Duesenberry (1949: pp.18-19, *itálicos nossos*) “(...) ours is a society in which one of the principal social

produtoras de bens privados¹⁴ ¹⁵. Nestes termos, o autor sugeriria que a própria ‘comunidade’, composta por indivíduos convencidos da superioridade do mérito dos bens privados face aos bens públicos, decidiria democraticamente por um nível sub-ótimo de ‘produção’ de bens públicos¹⁶.

Quanto à ‘trégua à desigualdade’, o efeito teria como pano de fundo o debate sobre o ‘financiamento dos serviços públicos’. Mais especificamente, para Galbraith o problema estaria no facto desse debate ser sistematicamente contextualizado, nas discussões partidárias, como um tema

goals is a higher standard of living (...) has great significance for the theory of consumption (...) *the desire to get superior goods takes on a life of its own*. It provides a drive to higher expenditure which may even be stronger than that arising out of the needs which are supposed to be satisfied by that expenditure. (...) When the attainment of any end becomes a generally recognized social goal, the importance of attainment of this goal is instilled in every individual's mind by the socialization process. In psychoanalytic terms the goal is incorporated into the ego-ideal. When this occurs the achievement of a certain degree of success in reaching the goal becomes essential to the maintenance of self-esteem. (...) In a society in which improvement in the living standards is a social goal, the drive for maintenance of self-esteem will become a drive to get higher quality goods.”

¹² De forma similar a Galbraith, também Say estaria consciente da natureza psicológica do ‘consumo’ quando mencionava a vontade de impressionar os seus semelhantes como uma forte motivação para a luxúria: “Among the motives that operate to determine the consumption of individuals, the most prominent is luxury. (...) The grand aim of Luxury (...) is to attract admiration by the rarity, the costliness, and the magnificence of the objects displayed, recommended probably neither by utility, nor convenience, nor pleasurable qualities, but merely by their dazzling exterior and effect upon *the opinions of mankind at large*.” (Say, 1832: pp.366-367).

¹³ Vide Galbraith (1998 [1958]: pp. 135-136, *itálicos nossos*): “(...) the society sets great store by ability to produce a high living standard, it evaluates people by the *products they possess*. The urge to consume is fathered by the value system which emphasizes the ability of the society to produce. (...) The *more that is produced*, the more that must be owned in order to maintain the appropriate prestige. (...) the society sets great store by ability to produce a high living standard, it evaluates people by the products they possess. The urge to consume is fathered by the value system which emphasizes the ability of the society to produce. The more that is produced, the more that must be owned in order to maintain the appropriate prestige.”

¹⁴ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 137): “A broad empirical relationship exists between what is spent on production of consumer goods and what is spent in synthesizing the desires for that production. A new consumer product must be introduced with a suitable advertising campaign to arouse an interest in it.”

¹⁵ Nestes termos, o sentido da causalidade entre ‘produção’ e ‘consumo’ apontada por Galbraith estaria em acordo com a Lei de Say, embora o mecanismo explicitado por este último fosse distinto ao enfatizar o papel da ‘produção’ enquanto geradora dos recursos aplicados no ‘consumo’. Vide Say (1832: p.84, *itálicos nossos*): “The products created give rise to various degrees of demand, according to the wants, the manners, the comparative capital, industry, and natural resources of each country; the article most in request, owing to the competition of buyers, yield the best *interest* of money to the capitalist, the largest *profits* to the adventurer, and the best *wages* to the labourer; and the agency of their respective services is naturally attracted by these advantages towards those particular channels.”

¹⁶ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 204): “It will be obvious, however, that this view depends on the notion of independently determined consumer wants. In such a world, one could with some reason defend the doctrine that the consumer, as a voter, makes an independent choice between public and private goods. But given the dependence effect—given that consumer wants are created by the process by which they are satisfied—the consumer makes no such choice. He or she is subject to the forces of advertising and emulation by which production creates its own demand.”

sobre ‘desigualdade’, na medida em que o principal instrumento que estaria em discussão seria o ‘sistema fiscal’. Dada a elevada sensibilidade da política americana ao tema ‘desigualdade’, tal contextualização do tema ‘financiamento dos serviços públicos’ teria conduzido a um impasse político crónico, com o devido reflexo em matéria de qualidade dos serviços prestados¹⁷.

No último fenómeno, ‘tendência para a inflação’, é-nos proposto pelo autor que a ‘inflação’ levaria à redução do salário do sector público *versus* privado¹⁸ e inelasticidade das receitas de governos locais conduziria à redução de orçamentos destinados aos serviços públicos, o que ainda seria mais evidente em cidades cujo crescimento da população fosse mais acentuado¹⁹.

Nestes termos, para Galbraith o *crux* do ‘balanço social’ prende-se com o incentivo à produção adequada de bens públicos na economia quando se sabe existirem diversas forças opositoras: a propensão para a imitação social e o avanço das técnicas de publicidade e marketing de bens privados, que ajudam a formentar as preferências individuais em torno dos bens privados; a paralização do sistema político devido à proximidade entre o tema ‘produção de bens públicos’ e o tema ‘desigualdade’; e o efeito da inflação na perda de competitividade dos salários da função pública e de receitas dos governos locais, devido à sua maior rigidez em comparação com o sector privado.

Entre os bens públicos cuja sub-produção contribuirá para o desequilíbrio no ‘Balanço Social’ invocado por Galbraith, há um que se revelará particularmente interessante para o nosso tópico da tese, na medida em que caracteriza o papel que a ‘empatia’ terá no sucesso do capitalismo: o ‘Capital Emocional’.

¹⁷ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 207): “Since the debate over inequality cannot be resolved, the money is frequently not appropriated and the service not performed. It is a casualty of the economic goals of both liberals and conservatives, for both of whom the questions of social balance are subordinate to those of production and, when it is evoked, of inequality.”

¹⁸ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 208): “Wages in the public service tended to lag well behind those in private industry. There was thus an incentive to desert public for private employment.”

¹⁹ Vide Galbraith (1998 [1958]: p. 209): “Increasing population, increasing urbanization and increasing affluence all intensify the public tasks of the metropolis. Meanwhile the revenues of these units of government, in contrast with those of the federal government, are relatively inelastic. In consequence of the heavy dependence on the property tax, when prices rise, the revenues of these units of government lag behind.”

3.2. Capital Emocional

O ‘capital emocional’ é-nos apresentado por Gendron como um conjunto de competências emocionais que seriam criadas através da educação, no sentido lato²⁰, passíveis de melhoramento através da experiência e formação²¹ e operando enquanto catalizadoras²² e potencializadoras²³ do desenvolvimento cognitivo, social e económico²⁴ do indivíduo.

As ‘competências emocionais’ dividiriam-se em duas categorias: ‘competências pessoais’ e ‘sociais’. As ‘pessoais’ incluiriam: ‘auto-conhecimento’²⁵, ‘auto-regulação’²⁶ e ‘motivação’; já as ‘sociais’ compreenderiam: ‘consciência social’²⁷ e ‘aptidões sociais’²⁸. Nestes termos, a ‘empatia’

²⁰ Vide Gendron (2004: p.10): “(...) emotional capital (...) is learned from the early age until adulthood, through family, neighbourhood, peers, communities, sports clubs, religions, societies and school contexts.”

²¹ Vide Gendron (2004: p.8): “(...) [emotional] competence can be increased.”

²² Vide Gendron (2004: pp.9-10, *itálicos nossos*): “It is first a *catalyser* as it is essential for the constitution of the human capital. Indeed, human capital constitution might never happen if basic or appropriate emotional capital is not there. Only ad hoc emotional capital will allow human capital formation.”

²³ Vide Gendron (2004: p.10, *itálicos nossos*): “Also, emotional capital is a *potentionalizing* – boosting-capital more than a simple additional capital as it is essential for utilizing effectively the social and human ones.”; (p.12): “It heavily influences the creation, development, acquisition, and use of human capital as it facilitates personal, social and economic well-being. It is also a crucial resource allowing individuals and institutions to be more effective in achieving common objectives.”

²⁴ Vide Gendron (2004: p.9): “Emotional Capital is the set of resources (emotional competencies) that inhere to the person useful for their cognitive, personal, social and economic development”

²⁵ Vide Gendron (2004: p.8): “The self-awareness cluster contains three competencies: emotional awareness (recognizing one's emotions and their effects), accurate self-assessment (knowing one's strengths and limits) and self-confidence (a strong sense of one's self-worth and capabilities).”

²⁶ Vide Gendron (2004: p.8): “The self-regulation and management cluster contains six competencies: self-control (keeping disruptive emotions and impulses in check), trustworthiness (maintaining standards of honesty and integrity), conscientiousness (taking responsibility for personal performance), adaptability (flexibility in handling change), achievement orientation (striving to improve or meeting a standard of excellence), initiative (readiness to act on opportunities).

²⁷ Vide Gendron (2004: p.8): “The social awareness cluster contains six competencies: empathy (to read, be sensitive to and influence other people's emotions; this is how sensitive we are to people, both their feelings and their potential i.e. sensing others' feelings and perspectives, and taking an active interest in their concerns), organizational awareness (reading a group's emotional currents and power relationships), service orientation (anticipating, recognizing, and meeting people' needs).”

²⁸ Vide Gendron (2004: p.9): “Those competencies are related to communication, influence, conflict management, leadership attitude, change, catalyst, building bonds, collaboration, team synergy...as they allow entering and sustaining satisfactory interpersonal relationships. The social skills cluster contains six competencies: developing others (sensing others' development needs and bolstering their abilities), leadership (inspiring and guiding individuals and groups), influence (wielding effective tactics for persuasion), communication (listening openly and sending convincing messages), change catalyst (initiating or managing change), conflict management (negotiating and resolving disagreements), building bonds (nurturing

seria categorizada como uma aptidão ligada à ‘consciência social’, reveladora da capacidade da pessoa interpretar, captar e influenciar as emoções dos outros, assumindo uma postura de interesse activo sobre o estado emocional do outro²⁹.

Para Gendron, alterações radicais introduzidas recentemente nas principais instituições que formariam o ‘capital emocional’ dos indivíduos, incluindo a família, os media, a pedagogia³⁰ e a religião³¹, bem como a observação de uma crescente tendência para o individualismo³², teriam contribuído para a sub-produção deste tipo de capital³³, com a respectiva deterioração da qualidade do capital humano e cultural na economia, e consequente retrocesso da coesão social³⁴, observável tanto no comportamento dos alunos nas escolas³⁵ e como dos trabalhadores nos seus ofícios³⁶.

instrumental relationships), teamwork and collaboration (working with others toward shared goals, creating group synergy in pursuing collective goals).

²⁹ *Vide* Gendron (2004: p.8): “(...) empathy (to read, be sensitive to and influence other people's emotions; this is how sensitive we are to people, both their feelings and their potential i.e. sensing others' feelings and perspectives, and taking an active interest in their concerns) (...)”

³⁰ *Vide* Gendron (2004: p.11): “(...) individual's Emotional Capital endowment has changed according changes occurring in contexts (where emotional competencies used to be learned): social and economic changes, changes to family structure, society changes and the power of media stereotyping of gender roles and expectations, changes to curriculum and pedagogy and education values.”

³¹ *Vide* Gendron (2004: p.11): “(...) few decades ago, religion was still important for individuals. To belong to a church (attending religious offices) used to be a place where some (moral, citizenship...) values developing social emotional competencies where taught and shared. Nowadays, religions transmitting those values and competencies have less impact on individuals as their attending is declining.”

³² *Vide* Gendron (2004: p.11): “Moreover, industrial societies and powerful countries increasingly promote competition, individualism, liberalism and performance which tends to enhance individualistic corresponding emotional competencies as the personal ones.”

³³ *Vide* Gendron (2004: pp.11-12): “These emotional competencies refer to the “savoir-être” (know-to-be), to the rules of democratic socialization, to know how to behave in social situation, to know how to communicate, to handle conflict, to respect other's opinion, and to share. Emotional competencies which encompasses citizen competencies are an essential capital to allow their human capital constitution. It is when those emotional competencies are lacking or missing, that we realise that emotional capital is a crucial capital for teachers or learners, but also workers and managers”;

³⁴ *Vide* Gendron (2004: p.3): “(...) the raise of quantity and quality of the stock of human capital is compatible with increasing social cohesion”.

³⁵ *Vide* Gendron (2004: p.11): “All those changes have an impact on personal development and individuals behaviours and children don't escape to that. A balanced personal and social emotional competencies (essential at least for social interactions) are not necessarily learned anymore and some children can come into the classroom without this crucial and appropriate emotional capital.”; (p.15): “emotions shape learning and teaching experiences for both teachers and learners, which have a crucial impact on human capital constitution. From anxiety, lowering of self-esteem to confidence, terror to excitement, dispirit to enthusiasm or boredom to fascination, emotions play a powerful role in learning in any subject, at any age and ability level, and for any learner.”; (p.17): “(...) in students' lives, emotive students can loose some part of their

Assim, segundo Gendron o problema central do ‘capital emocional’ está no facto da ameaça à sua produção – no seguimento de alterações em institucionais centrais à produção deste tipo de capital como a alteração da composição familiar e a perda de influência da religião – ocorrer precisamente no contexto em que a sua produção seria mais proveitosa, na medida em que o desenvolvimento de capital humano e cultural, e consequentemente a coesão social, torna-se particularmente relevante no actual quadro de instabilidade institucional. Por outro lado, em Gendron a ‘empatia’ tratar-se-ia de uma competência, e nesses termos potencialmente alvo de melhoria, aplicável ao desenvolvimento do capital humano no contexto educacional e laboral, sendo que para tal tornar-se-ia fundamental a existência de estabilidade institucional – admitindo-se, todavia, que tal estabilidade só possa ocorrer num quadro de investimento na produção de bens públicos como, por exemplo, o ‘apoio psicológico específico a crianças cujos pais se separaram’.

ability during an examination because of too much stress or pressure and because they don't know how to handle it, or well behave under such stress (self-regulation) or to control and shift this undesirable emotion states to more adequate ones. At the workplace, workers might not see their work or competencies recognised by their boss if they don't have confidence in their abilities or don't recognise themselves the value of their competencies, which is nowadays crucial regarding the worker's annual evaluation interview (...).”; (p.17): “In fact, under conditions of real or imagined threat or high anxiety, there is a loss of focus on the learning or acting process and a reduction in task focus and flexible problem solving. It is as if the thinking brain is taken over (or “hijacked,” as Goleman says) by the older limbic brain as underlined by neuropsychology researches. Other emotion-related factors can be similarly distracting. Processes considered pure “thinking” are now seen as phenomena in which the cognitive and emotional aspects work synergistically; which makes crucial the abilities to manage emotions to exploit optimally our different capitals.”

³⁶ Vide Gendron (2004: p.18): “(...) a manager who knows how to handle and manage his or her emotions, and deals with those of his or her employees to make them feel well at work, will use plainly his or her workforce and will succeed in his or her enterprise. Also, workers will engage plainly themselves in companies' objectives only if they feel well, recognised, considered, valorised, trusted by their managers (...).Some enthusiastic workers (having charismatic competencies) can also lead to a better work atmosphere among the other workers. They are the ones who are best able to maximize a team's potential, through their use of such emotional competencies as building bonds, collaboration, and creating group synergy in pursuit of collective goals.”

Conclusão

A teoria da ‘destruição do capitalismo’ concebida por Joseph Schumpeter, a teoria do ‘balanço social’ de John Kenneth Galbraith, e a teoria do ‘capital emocional’ de Bénédicte Gendron têm em comum o facto de explorarem a ‘endogeneidade’ do sistema social, com algum ênfase no comportamento humano.

A exploração da endogeneidade da sociedade pode ser vista em Schumpeter quando este se refere, por exemplo, à forma como os avanços tecnológicos promovidos pela ‘função empreendedora’ fomentariam a criação de empresas de grande dimensão, que por sua vez conduziriam à perda de relevância do empreendedorismo. Galbraith, por sua vez, menciona o processo através do qual o crescimento da ‘produção’ conduziria a um ‘consumo’ exponencial fomentado pelo ímpeto da comparação social e pela aplicação de técnicas de publicidade cada vez mais sofisticadas. Por fim, Gendron alerta para a forma como algumas alterações institucionais (e.g. instabilidade familiar) teriam um impacto negativo na produção de ‘capital emocional’ que por sua vez conduziria a novas alterações institucionais através da deterioração da coesão social.

Por outro lado, tais teorias centram parte da sua análise no comportamento humano. Por exemplo, Schumpeter explora o grau de adequação entre o tipo de actividades desempenhadas (i.e. empreendedorismo e governação) e a vocação de cada classe social; Galbraith explicita a propensão do homem para a comparação e imitação social; e Gendron estabelece o papel das competências emocionais no desenvolvimento de capital humano.

Capítulo 4. Neurociências: Oxitocina, Neurónios Espelho, Emoções, Sentimentos e Empatia

Introdução

O presente capítulo tem em vista apresentar algum conhecimento recente das neurociências sobre a ‘empatia’. Para tal inicia-se com a sistematização de dois avanços recentes reveladores da predisposição do ser humano para a ‘reciprocidade’: a ‘oxitocina’ e os ‘neurónios espelho’. Em seguida, são apresentadas as noções de ‘emoções’ e ‘sentimentos’ de Damásio. Na última secção é feita uma revisão de literatura em torno da definição de ‘empatia’. Como principal base para a nossa análise foram consultadas as seguintes obras: ‘Oxytocin and Sexual Behaviour’ (OSB) (Carter, 1992), ‘Mirror neuron system’ (MNS) (Rizzolatti & Craighero, 2004) e ‘Mirror neuron: a neurological approach to empathy’ (NAE) (Rizzolatti & Craighero, 2005), ‘Descartes’ Error: Emotion, Reason and the Human Brain’ (DE) (Damásio, 1995) e ‘Human Empathy through the lens of Social Neuroscience’ (HESN) (Decety & Lamm, 2006).

4.1. Oxitocina

A ‘oxitocina’ trata-se de uma substância química, comum a todos animais, incluindo o ser humano, que é produzida no cérebro¹ e órgãos reprodutivos², e que circula através do sistema nervoso e sanguíneo³, resultando a sua produção da estimulação física dos sistemas mamário, reprodutor⁴,

¹ Vide Carter (1992: p.132): “Oxytocin is produced primarily in the supraoptic and paraventricular nuclei of the hypothalamus. Pulses of oxytocin are released into the systemic circulation at the posterior pituitary (neurohypophysis).”

² Vide Carter (1992: p.132): “Several aspects of oxytocin's action appear to be influenced by steroid hormones, including estrogen, progesterone, and the androgens. (...) Oxytocin, the gene for oxytocin expression, and oxytocin receptors also have been found in nonneural tissues including the corpus lutea and testis. It has been suggested that oxytocin is involved in steroidogenesis and corpus luteum regression”

³ Vide Carter (1992: p.132): “Both oxytocin and vasopressin also are released into the central nervous system where they presumably affect neuronal activity (164,176). Oxytocin does not pass easily through the blood-brain barrier, but there is evidence of bidirectional transport of small amounts of oxytocin between the general circulation and cerebrospinal fluid (103). (...) The ability of systemically administered oxytocin to reach the central nervous system may help to explain reports (described below) of behavioral changes following peripheral injections of oxytocin.”

olfativo⁵ e cognitivo⁶. Tratando-se de um processo com *feedback*⁷, a produção de ‘oxitocina’ parece ser significativamente afectada pela presença de outras hormonas, podendo tal interacção ser potenciadora (‘testosterona’) ou inibidora (‘progesterona’) da sua produção⁸.

Relevante para o ponto em causa, a ‘oxitocina’ tem sido amiúde apontada como contribuindo para o sucesso da ‘reciprocidade’ entre membros da espécie, na medida em que a sua presença potenciaria o acasalamento, o parto e a amamentação⁹. No que respeita ao parto, por exemplo, ter-se-á obtido evidência de que a presença de ‘oxitocina’ facilita a contracção de tecidos moles, como os que caracterizam o sistema reprodutivo e mamário¹⁰.

Nestes termos, a evidência entretanto obtida em torno do papel da substância ‘oxitocina’ como potenciadora do acasalamento, parto e amamentação em diferentes espécies, constitui um indício sobre a pré-disposição do ser humano para a ‘reciprocidade’.

⁴ Vide Carter (1992: p.132): “(...) breast and genital stimulation are potent releasers of oxytocin (...) [or] by light touch, pinch or electrical stimulation of the vagus nerve (...).”

⁵ Vide Carter (1992: p.132): “Olfactory tract stimulation and olfactory stimuli can release oxytocin in some species (...).”

⁶ Vide Carter (1992: p.132): “Oxytocin release also can become conditioned, permitting release by cognitive stimuli, at least during lactation (...).”

⁷ Vide Carter (1992: p.133): “Oxytocin can stimulate its own release (...). Positive feedback of oxytocin may contribute to the pulsatile release which is characteristic of this hormone.”

⁸ Vide Carter (1992: p.133, *nossos itálicos*): “Activity in oxytocinergic neurons and the release of oxytocin depends upon the interaction of a variety of other hormones and neurochemicals . Steroid hormones, and in particular estrogen and testosterone, may facilitate the activity of the oxytocinergic neurons at many levels, including the induction of oxytocin receptors; progesterone, in contrast, appears to be inhibitory.”

⁹ Vide Carter (1992: p.133): “(...) oxytocin may regulate maternal behavior in rats and mother-infant bonding in sheep, adult social bond formation in prairie voles, female sexual behavior in rats, and male sexual behavior in rats. Early reports that milk ejection (or oxytocin release) in women could be induced during orgasm (...) Recent studies indicate that oxytocin increases slightly during sexual arousal in humans and shows a marked increase during the orgasmic (or ejaculatory) phase of sexual behavior in humans, bulls, rams and rabbits. It has been suggested for several species that contractions in the reproductive tract, caused by peripherally released oxytocin, may facilitate sperm transport and could play a role in sexual satiety in both sexes.”

¹⁰ Vide Carter (1992: p.133): “Oxytocin, secreted by the posterior pituitary, has powerful contractile effects on smooth muscle such as that found in the uterus and breast. “

4.2. Neurónios Espelho

Em MNS e NAE, Rizzolatti e Craighero apresentam o sistema de ‘neurónios espelho’ como um sistema de neurónios localizado em diferentes partes do cérebro humano¹¹, responsável por três funções: a compreensão de acções (‘neurónios espelho motores’), a compreensão de intenções (‘neurónios espelho lógicos’) e a compreensão de emoções (‘neurónios espelho emocionais’).

A parte do sistema de ‘neurónios espelho’ responsável pela compreensão de acções (‘neurónios espelho motores’) encontra-se localizada nos córtex pré-motor e parietal, zona do cérebro ligada à aprendizagem motora, sendo activada sempre que um ser humano realiza uma acção ou observa outro a realizar a mesma acção¹². Tal activação permitiria transformar informação visual em conhecimento¹³ na medida em que, por um lado, conduz os indivíduos a imitar os movimentos de

¹¹ Embora os estudos iniciais tenham sido realizados em macacos, a existência de neurónios espelho no ser humano terá sido entretanto comprovada por estudos neurofisiológicos e baseados em imagens do cérebro. *Vide* Rizzolatti & Craighero (2004: p.176): “(...) transcranial magnetic stimulation studies indicate that a mirror-neuron system (a motor resonance system) exists in humans and that it possesses important properties not observed in monkeys. First, intransitive meaningless movements produce mirrorneuron system activation in humans (...), whereas they do not activate mirror neurons in monkeys. Second, the temporal characteristics of cortical excitability, during action observation, suggest that human mirror-neuron systems code also for the movements forming an action and not only for action as monkey mirror-neuron systems do. These properties of the human mirror-neuron system should play an important role in determining the humans’ capacity to imitate others’ action. (...) A large number of studies showed that the observation of actions done by others activates in humans a complex network formed by occipital, temporal, and parietal visual areas, and two cortical regions whose function is fundamentally or predominantly motor (...). These two last regions are the rostral part of the inferior parietal lobule and the lower part of the precentral gyrus plus the posterior part of the inferior frontal gyrus (IFG). These regions form the core of the human mirror-neuron system.”; (p.179): “Recently, an fMRI [Functional Magnetic Ressonance Imaging] experiment addressed these questions (...). Video clips showing silent mouth actions performed by humans, monkeys, and dogs were presented to normal volunteers. Two types of actions were shown: biting and oral communicative actions (speech reading, lip smacking, barking). As a control, static images of the same actions were presented. / The results showed that the observation of biting, regardless of whether it was performed by a man, a monkey, or a dog, determined the same two activation foci in the inferior parietal lobule discussed above and activation in the pars opercularis of the IFG and the adjacent precentral gyrus. The left rostral parietal focus and the left premotor focus were virtually identical for all three species, whereas the right side foci were stronger during the observation of actions made by a human being than by an individual of another species. Different results were obtained with communicative actions.”

¹² *Vide* Rizzolatti & Craighero (2004: p.169): “Mirror neurons are a particular class of visuomotor neurons, originally discovered in area F5 of the monkey premotor cortex, that discharge both when the monkey does a particular action and when it observes another individual (monkey or human) doing a similar action.”

¹³ *Vide* Rizzolatti & Craighero (2004: p.172): “How do mirror neurons mediate understanding of actions done by others? The proposed mechanism is rather simple. Each time an individual sees an action done by another individual, neurons that represent that action are activated in the observer’s premotor cortex. This automatically induced, motor representation of the observed action corresponds to that which is spontaneously generated during active action and whose outcome is known to the acting individual. Thus, the mirror system transforms visual information into knowledge”

outros¹⁴, resultando não só na substituição dos movimentos por si realizados pelos do indivíduo observado mas também facilitando a aquisição de conhecimento através da aprendizagem¹⁵; por outro lado, tal activação estará na origem da comunicação, na medida em que teria permitido criar uma ligação entre os indivíduos observador e observado¹⁶ e seria um mecanismo basilar na formação da linguagem gestual¹⁷.

No que concerne a compreensão das intenções, a parte do sistema de ‘neurónios espelho’ em causa (‘neurónios espelho lógicos’) encontra-se localizada no lóbulo parietal inferior¹⁸, e é activada não só durante a execução e observação de uma dada acção mas também aquando da execução ou observação de uma cadeia de acções – sem carga emocional – que lhe estão relacionadas¹⁹. Um aspecto fundamental à cerca do funcionamento destes neurónios trata-se dos factores que

¹⁴ Vide Rizzolati & Craighero (2004: p.180): “When observers see a motor event that shares features with a similar motor event present in their motor repertoire, they are primed to repeat it. The greater the similarity between the observed event and the motor event, the stronger the priming is.”

¹⁵ Vide Rizzolati & Craighero (2004: p.182): “Broadly speaking, there are two types of newly acquired behaviors based on imitation learning. One is substitution, for the motor pattern spontaneously used by the observer in response to a given stimulus, of another motor pattern that is more adequate to fulfill a given task. The second is the capacity to learn a motor sequence useful to achieve a specific goal (...).”

¹⁶ Vide Rizzolati & Craighero (2004: p.183): “Mirror neurons represent the neural basis of a mechanism that creates a direct link between the sender of a message and its receiver. Thanks to this mechanism, actions done by other individuals become messages that are understood by an observer without any cognitive mediation.”

¹⁷ Vide Rizzolati & Craighero (2004: p.184): “The mirror neuron communication system has a great asset: Its semantics is inherent to the gestures used to communicate. This is lacking in speech. In speech, or at least in modern speech, the meaning of the words and the phono-articulatory actions necessary to pronounce them are unrelated. This fact suggests that a necessary step for speech evolution was the transfer of gestural meaning, intrinsic to gesture itself, to abstract sound meaning. From this follows a clear neurophysiological prediction: Hand/arm and speech gestures must be strictly linked and must, at least in part, share a common neural substrate.”; (p.187): “(...) the most parsimonious hypothesis appears to be that, during speech acquisition, a process occurs somehow similar to the one that, in evolution, gave meaning to sound. The meaning of words is based first on the old nonverbal semantic system. Subsequently, however, the words are understood even without a massive activation of the old semantic system.”

¹⁸ Vide Rizzolati & Craighero (2005: p.112): “As in the premotor cortex, there are neurons in inferior parietal lobule that are endowed with mirror properties, discharging both during the observation and execution of the same motor act.”

¹⁹ Vide Rizzolati & Craighero (2005: p.115): “(...) in addition to mirror neurons that fire during the execution and observation of the same motor act, there should be neurons that are visually triggered by a given motor act but discharge during the execution not of the same motor act but of another one that is functionally related to the former and is part of the same action chain.”

influenciam o isolamento das cadeias de acção, podendo tais factores estar relacionados com o reconhecimento do contexto da acção, o tipo de objecto alvo da acção e o seu grau de repetição²⁰.

Por fim, os ‘neurónios espelho’ responsáveis pela compreensão de emoções encontram-se localizados na insula e amígdala²¹, sendo activados com a execução ou observação de acções com elevada carga emocional, através da replicação das emoções percebidas nos outros, estando provavelmente na base do comportamento altruísta do ser humano²². De notar a este respeito o que Adam Smith se refere a este mecanismo como o ‘espectador imparcial’²³.

Na secção seguinte recorreremos ao trabalho desenvolvido por António Damásio, em particular à distinção entre ‘emoções’ e ‘sentimentos’, de forma a melhor compreendermos o mecanismo neuronal através do qual tal replicação ocorre. Em todo o caso, a evidência apresentada sobre o sistema de ‘neurónios espelho’ representa um indício de que a ‘reciprocidade’ se encontrará programada no circuito neuronal do ser humano.

²⁰ Vide Rizzolati & Craighero (2005: p.115): “(...) the mechanism of intention understanding (...) appears to be rather simple, (...) more complex to specify how the selection of a particular chain occurs. (...) There are various factors that may determine this selection. The first is the context in which the action is executed. (...) The second factor that may intervene in chain selection is the type of object (...). One of these factors is the standard repetition of action.”

²¹ Vide Rizzolati & Craighero (2005: p.117): “Brain imaging studies showed that when an individual is exposed to disgusting odors or tastes, there is an intense activation of two structures: the amygdala and the insula”.

²² Vide Rizzolati & Craighero (2005: p.119): “(...) it is very plausible that the mirror mechanism played a fundamental role in the evolution of altruism. The mirror mechanism transforms what others do and feel in the observer’s own experience. The disappearance of unhappiness in others means the disappearance of unhappiness in us (...)”.

²³ Vide secção 1.3. Espectador Imparcial. Smith (2002 [1759]: p.158): “When we are always so much more deeply affected by whatever concerns ourselves, than by whatever concerns other men; what is it which prompts the generous, upon all occasions, and the mean upon many, to sacrifice their own interests to the greater interests of others? It is not the soft power of humanity, it is not that feeble spark of benevolence which Nature has lighted up in the human heart, that is thus capable of counteracting the strongest impulses of self-love. It is a stronger power, a more forcible motive, which exerts itself upon such occasions. It is reason, principle, conscience, the inhabitant of the breast, the man within, the great judge and arbiter of our conduct.”

4.3. Emoções e Sentimentos

Em DE, a natureza das ‘emoções’²⁴ e ‘sentimentos’²⁵ é nos apresentada por Damásio através da distinção entre ‘emoções primárias’, ‘emoções secundárias’ e ‘sentimentos ligados a emoções’²⁶. Segundo Damásio²⁷ o processo de formação de ‘emoções primárias’ iniciar-se-ia com a observação, pelo indivíduo, de determinadas características de estímulos ocorridos no mundo exterior a si ou no seu corpo²⁸. Tal observação desencadearia uma reacção no seu cérebro, em particular na região da amígdala, gerando uma resposta ao nível do processo cognitivo consentânea com o estado emocional em causa²⁹. Tal estado emocional traria, por si só, consequências relevantes para a sobrevivência do homem na medida em que resultaria em alterações fisiológicas, como um apuramento do estado de alerta em caso de necessidade de fuga a um predador³⁰. Todavia, avançaria Damásio, tal resposta emocional não seria o passo final, mas a experiência do

²⁴ Vide Damásio (1995: p.139): “(...) emotion is the combination of a mental evaluative process, simple or complex, with dispositional responses to that process, mostly toward the body proper, resulting in an emotional body state, but also toward the brain itself {neurotransmitter nuclei in brain stem}, resulting in additional mental changes.”

²⁵ Vide Damásio (1995: p.139): “(...) [feeling is] the perception of all the changes that constitute the emotional response.”

²⁶ De notar que o autor define ainda outras variedades de ‘sentimentos’, como os ‘sentimentos de fundo’, contudo por economia de espaço estas não são aqui sistematizadas. Vide Damásio (1995: pp.149-155).

²⁷ Damásio refere explicitamente que o mecanismo através do qual se formariam as ‘emoções primárias’ teria sido coberto por William James. Vide James (2014 [1890]: p.452): “What kind of an emotion of fear would be left if the feeling neither of quickened heart-beats nor of shallow breathing, neither of trembling lips nor of weakened limbs, neither of gooseflesh nor of visceral stirrings, were present, it is quite impossible for me to think. Can one fancy the state of rage and picture no ebullition in the chest, no flushing of the face, no dilatation of the nostrils, no clenching of the teeth, no impulse to vigorous action, but in their stead limp muscles, calm breathing, and a placid face?”

²⁸ Vide Damásio (1995: p.131): “(...) we are wired to respond with an emotion, in preorganized fashion, when certain features of stimuli in the world or in our bodies are perceived, alone or in combination. Examples of such features include size (as in large animals); large span (as in flying eagles) ; type of motion (as in reptiles) ; certain sounds (such as growling); certain configurations of body state (as in the pain felt during a heart attack).”

²⁹ Vide Damásio (1995: p.131): “Such features, individually or conjunctively, would be processed and then detected by a component of the brain's limbic system, say, the amygdala; its neuron nuclei possess a dispositional representation which triggers the enactment of a body state characteristic of the emotion fear, and alters cognitive processing in a manner that fits the state of fear.”; (p.134): “Primary emotions (read: innate, preorganized, Jamesian) depend on limbic system circuitry, the amygdala and anterior cingulate being the prime players. Evidence that the amygdala is the key player in preorganized emotion comes from observations in both animals and humans.”

³⁰ Vide Damásio (1995: p.132): “By itself, the emotional response can accomplish some useful goals: speedy concealment from a predator, for instance, or display of anger toward a competitor.”

sentimento que ocorreria quando o homem ligasse o estado emocional atrás descrito ao contexto que o teria gerado³¹. Segundo o autor, seria tal ligação que permitiria ao indivíduo extrair ilações para o seu comportamento no futuro³², aumentando desse modo a hipótese de sobrevivência futura.

No que concerne o processo de formação de ‘emoções secundárias’, iniciar-se-ia com a observação ou obtenção de informação processada de forma consciente pelo indivíduo, formando-se a partir daí um conjunto de imagens mentais sobre o contexto em que tal informação se encontraria inserida³³. Por seu turno, o processamento de tais imagens mentais conduziria o circuito do cortex pré-frontal, onde se encontraria depositado o conhecimento e experiência previamente adquiridos pelo indivíduo, a gerar respostas automáticas consentâneas com o contexto percebido³⁴. Neste ponto poder-se-ia traçar desde logo uma distinção entre as ‘emoções secundárias’ e as ‘emoções primárias’ em termos das zonas neuronais utilizadas especificamente no processamento das imagens mentais, na medida em que as primeiras recorreriam ao circuito límbico, nomeadamente a amígdala, enquanto as segundas estariam dependentes do circuito pré-frontal³⁵. Contudo, o circuito límbico seria ainda relevante no próprio processo de formação das ‘emoções secundárias’, uma vez que as respostas automáticas emitidas pelo circuito pré-frontal no seguimento do processamento

³¹ Vide Damásio (1995: p.132): “The process does not stop with the bodily changes that define an emotion, however. The cycle continues, certainly in humans, and its next step is the feeling of the emotion in connection to the object that excited it, the realization of the nexus between object and emotional body state.”

³² Vide Damásio (1995: pp.132-133): “Knowing about X allows you to think ahead and predict the probability of its being present in a given environment, so that you can avoid X, preemptively, rather than just have to react to its presence in an emergency. / You can generalize your knowledge, and decide, for example, to be cautious with anything that looks like X. (...) Furthermore, you may have discovered, in the course of your first encounter with X, something peculiar and potentially vulnerable in X's behavior. You may want to exploit that vulnerability in your next encounter, and that is one more reason why you need to have known. In short, feeling your emotional states, which is to say being conscious of emotions, offers you flexibility of response based on the particular history of your interactions with the environment. Although you need innate devices to start the ball of knowledge rolling, feelings offer you something extra.”

³³ Vide Damásio (1995: p.136): “The process begins with the conscious, deliberate considerations you entertain about a person or situation. These considerations are expressed as mental images organized in a thought process, and they concern myriad aspects of your relationship with the given person, reflections on the current situation and its consequences for you and others, in sum, a cognitive evaluation of the contents of the event of which you are a part.”

³⁴ Vide Damásio (1995: p.136): “At a nonconscious level, networks in the prefrontal cortex automatically and involuntarily respond to signals arising from the processing of the above images. This prefrontal response comes from dispositional representations that embody knowledge pertaining to how certain types of situations usually have been paired with certain emotional responses, in your individual experience. In other words, it comes from acquired rather than innate dispositional representations, although, as discussed previously, the acquired dispositions are obtained under the influence of dispositions that are innate.”

³⁵ Vide Damásio (1995: p.137): “The prefrontal, acquired dispositional representations needed for secondary emotions are a separate lot from the innate dispositional representations needed for primary emotions. But as you will discover below, the former need the latter in order to express themselves.”

das imagens mentais seriam comunicadas à região da amígdala e do cíngulo anterior, gerando sinais destinados a diversos sistemas: nervoso, motor, endocrínico³⁶.

Para Damásio um ‘sentimento ligado a emoção’ tratar-se-ia de um processo através do qual o indivíduo experienciaria de forma consciente a manifestação física do seu estado emocional, sendo tal experiência possível devido à contínua monitorização de processos biológicos³⁷, tanto neurais³⁸ como químicos³⁹. Os ‘sentimentos ligados a emoções’ dividiriam-se em ‘básicos’, associados a emoções primárias: ‘medo’, ‘alegria’, ‘raiva’, ‘tristeza’ e ‘aversão’⁴⁰; e ‘subtis’, ligados a variações dos sentimentos referidos anteriormente, como ‘euforia’, ‘êxtase’ (‘alegria’), ‘melancolia’

³⁶ Vide Damásio (1995: p.138): “Nonconsciously, automatically and involuntarily, the response of the prefrontal dispositional representations described in the preceding paragraph is signaled to the amygdala and the anterior cingulate. Dispositional representations in the latter regions respond (a) by activating nuclei of the autonomic nervous system and signaling to the body via peripheral nerves, with the result that viscera are placed in the state most commonly associated with the type of triggering situation; (b) by dispatching signals to the motor system, so that the skeletal muscles complete the external picture of an emotion in facial expressions and body posture; (c) by activating the endocrine and peptide systems, whose chemical actions result in changes in body and brain states; and finally, (d) by activating, with particular patterns, the nonspecific neurotransmitter nuclei in brain stem and basal forebrain which then release their chemical messages in varied regions of the telencephalon (e.g., basal ganglia and cerebral cortex).”

³⁷ Vide Damásio (1995: p.143): “All the changes that an external observer can identify and many others that an observer cannot, such as a heart beating faster or a contracted gut, you perceived internally. All these changes are being signaled continuously to the brain through nerve terminals that bring to it impulses from skin, blood vessels, viscera, voluntary muscles, joints, and so on.”; (p.145) “As body changes take place, you get to know about their existence and you can monitor their continuous evolution. You perceive changes in your body state and follow their unfolding over seconds and minutes. That process of continuous monitoring, that experience of what your body is doing while thoughts about specific contents roll by, is the essence of what I call a feeling.”

³⁸ Vide Damásio (1995: pp.143-144): “In neural terms, the return leg of this trip depends on circuits that originate in the head, neck, trunk, and limbs, course in the spinal cord and brain stem toward the reticular formation (a collection of brain stem nuclei involved in the control of wakefulness and sleep, among other functions) and thalamus, and travel on to the hypothalamus, limbic structures, and several distinct somatosensory cortices in the insular and parietal regions. The latter cortices in particular receive an account of what is happening in your body, moment by moment, which means that they get a “view” of the ever-changing landscape of your body during an emotion.”

³⁹ Vide Damásio (1995: p.144): “Hormones and peptides released in the body during the emotion can reach the brain via the bloodstream, and penetrate the brain actively, through the so-called blood-brain barrier or, even more easily, through brain regions lacking that barrier (e.g., the area postrema) or having devices that signal to varied parts of the brain (e.g., the subfornical organ). Not only can the brain construct, in some of its systems, a multifarious neural view of the body landscape that other brain systems have induced, but the construction of the view itself, as well as its use, can be influenced by the body directly

⁴⁰ Vide Damásio (1995: p.131): “(...) emotions, the most universal of which are Happiness, Sadness, Anger, Fear, and Disgust, and correspond to profiles of body state response which are largely preorganized in the James sense.

(‘tristeza’) e ‘pânico’, ‘timidez’ (‘medo’). Quando um indivíduo experiênciava um ‘sentimento ligado a emoção’ a sua atenção tenderia a localizar-se na sua resposta corporal⁴¹.

Nestes termos, em Damásio as ‘emoções’ tratar-se-iam de um processo biorregulatório neuronal, e os ‘sentimentos’ seriam melhor descritos como um processo de mapeamento mental dessas mesmas ‘emoções’.

Introduzido o quadro conceptual químico e neuronal que governa o relacionamento interpessoal com base em ‘sentimentos’ e ‘emoções’, cabe por fim avaliar a nossa percepção actual sobre o processo de ‘empatia’ – integrando-a nos conceitos até aqui apresentados e comparando-a com a intuição original de Adam Smith.

4.4. Empatia

Numa revisão de literatura assinada por Decety & Lamm (2006) são propostas cinco definições alternativas de ‘empatia’ (Hoffman, 1982; Goldman, 1993; Ickes, 1997; Batson et al., 1997; Eisenberg, 2000), às quais acrescentamos uma por Wegner (1980) e outra por Smith (2002 [1759]).

Em Hoffman a ‘empatia’ é apresentada como uma resposta afectiva que seria produzida pelo ‘eu’ em prol do ‘outro’ (‘vicarious affective response’), i.e. em que a experiência emocional vivenciada pelo ‘eu’ seria mais benéfica para o ‘outro’ do que para si⁴².

Segundo Goldman a ‘empatia’ tratar-se-ia de um processo psicológico desencadeado automaticamente no ‘eu’ através do qual replicaria o estado mental do ‘outro’ após observar ou ser informado sobre o comportamento ou contexto em que este se encontrasse inserido⁴³.

⁴¹ Vide Damásio (1995: p.149): “When we have feelings connected with emotions, attention is allocated substantially to body signals, and parts of the body landscape move from the background to the foreground of our attention.”

⁴² Vide Hoffman (1982: p.281): “(...) empathy, defined as a vicarious affective response, that is, as an affective response that is more appropriate to someone else's situation than to one's own situation.”

⁴³ Vide Goldman (1993: p.351): “Paradigm cases of empathy, however, consist first of taking the perspective of another person, that is, imaginatively assuming one or more of the other person's mental states. Such perspective taking might be instigated by observing that person's situation and behavior, or by simply being told about them, as when one reads a history or a novel. The initial "pretend" states are then operated upon (automatically) by psychological processes, which generate further states that (in favorable cases) are similar to, or homologous to, the target person's states. In central cases of empathy the output states are affective or emotional states rather than purely cognitive or conative states like believing or desiring. Standardly the empathizer is aware of his or her vicarious affects and emotions as representatives of the emotions or affects

O enfoque dado à ‘precisão’ do processo empático por Ickes leva-o a definir ‘empatia’ como um processo complexo em que a replicação dos estados emocionais do ‘outro’ pelo ‘eu’ seria influenciada por processos como a memória⁴⁴ e a racionalização, além da observação e do conhecimento já atrás mencionados.

Wegner, por seu turno, explicita que a ‘empatia’ se trataria de um processo de natureza eminentemente egoísta, no sentido em que envolveria uma extensão do ‘eu’ de forma a incluir o ‘outro’ como resultado da confusão entre o ‘eu’ e o ‘outro’ (‘self-other distinctiveness’)⁴⁵.

Batson *et al.* (1997), por seu turno, definem ‘empatia’ como uma resposta emocional do ‘eu’ que permitiria melhorar o ‘bem-estar’ do ‘outro’, na medida em que tal resposta não implicaria um esbatimento da distinção entre o ‘eu’ e o ‘outro’ indivíduos⁴⁶.

Já em Eisenberg (2000) dá-se uma importante diferenciação entre ‘empatia pura’ e ‘simpatia’ na medida em que ‘empatia pura’ seria uma réplica *automática* do estado mental do outro, ou da percepção do indivíduo sobre o estado mental do outro, em que a distinção entre um e outro esbate-se; enquanto a ‘simpatia’ envolve um processo cognitivo em que o indivíduo compreende o estado emocional do outro, desencadeando um sentimento de dor, pena ou preocupação pelo outro, ainda que os seus estados mentais possam não sejam necessariamente coincidentes⁴⁷.

of the target agent. Thus, empathy consists, of a sort of "mimicking" of one person's affective state by that of another."

⁴⁴ Vide Ickes (1993: p.597): "(...) male friends were more accurate than male strangers in inferring each other's thoughts and feelings. Plausible reasons for this difference were that the friends interacted more and exchanged more information; had more similar personalities and therefore had more rapport with each other; and had more extensive and detailed knowledge about the structure and contents of each other's memory."

⁴⁵ Vide Wegner (1980: p.131): "(...) empathy is one way in which positive forms of social behavior may be motivated by selfish desires. (...) "[when we experience empathy] we consider others as though they were ourselves"; (p.133): "[empathy] stem from a basic confusion between ourselves and others."

⁴⁶ Vide Batson et al. (1997: p.497): "This (...) defines empathy as an other-oriented emotional response congruent with the other's perceived welfare, it defines altruism as a motivational state with the ultimate goal of increasing the other's welfare, and it contrasts altruism with egoism, a motivational state with the ultimate goal of increasing one's own welfare. According to the empathy-altruism hypothesis, the conditions that evoke empathy increase concern for the other's welfare but do not reduce self-other distinctiveness. Empathy involves awareness of the other's particularity and uniqueness."

⁴⁷ Vide Eisenberg (2000: pp.671-672): "(...) empathy as an affective response that stems from the apprehension or comprehension of another's emotional state or condition and is similar to what the other person is feeling or would be expected to feel. If a child views a sad person and consequently feels sad (even though the child differentiates his or her own and the other person's emotional states or situations at a rudimentary level), that child is experiencing empathy. / In Eisenberg's view, pure empathy is not other-oriented. However, with further cognitive processing (assuming that the individual is old enough to differentiate between one's own and others' internal states), an empathic response usually turns into either

Neste contexto, em que as posições sobre a motivação original para o processo de ‘empatia’ se situariam entre ‘egoísta’ ou ‘altruísta’, poder-se-ia sugerir que posição de Adam Smith estaria do lado dos últimos⁴⁸, na medida em que para o autor haveria uma clara distinção entre o ‘eu’ e o ‘outro’⁴⁹.

Conclusão

A pré-disposição química e neuronal do ser humano para a ‘reciprocidade’ está patente em dois avanços recentes no domínio das neurociências: a substância química ‘oxitocina’ e o sistema de ‘neurónios espelho’. A ‘oxitocina’ tem sido amiúde apontada como contribuindo para o sucesso da ‘reciprocidade’ do ser humano na medida em que a sua presença potenciaria o acasalamento, o parto e a amamentação. No que respeita ao parto, por exemplo, ter-se-á obtido evidência de que a presença de ‘oxitocina’ facilitaria a contracção de tecidos moles, como os que caracterizam o sistema reprodutivo e mamário.

No que concerne o sistema de ‘neurónios espelho’, sabe-se que opera a partir de diferentes partes do cérebro humano, consoante a função activada, que por sua vez depende da tipologia de acção executada ou observada, designadamente: os ‘neurónios espelho’ responsáveis pela compreensão motora estão localizados no córtex pré-motor e parietal e são activados mediante a execução ou observação de uma acção motora, sendo amiúde apontados como responsáveis pelo

sympathy, personal distress, or some combination (perhaps alternating) thereof. Sympathy is an emotional response stemming from the apprehension or comprehension of another's emotional state or condition, which is not the same as what the other person is feeling (or is expected to feel) but consists of feelings of sorrow or concern for the other. Thus, if a girl sees a sad peer and feels concern for the peer, she is experiencing sympathy. A sympathetic reaction often is based upon empathic sadness, although sympathy also may be based on cognitive perspective taking or encoded cognitive information relevant to another's situation accessed from memory. Personal distress is a self-focused, aversive, affective reaction to the apprehension of another's emotion (e.g. discomfort or anxiety), such as the distress of a person feeling anxious when viewing someone who is sad.”

⁴⁸ *Vide* Smith (2002 [1759]: p.374): “Sympathy, however, cannot, in any sense, be regarded as a selfish principle. When I sympathize with your sorrow or your indignation, it may be pretended, indeed, that my emotion is founded in self-love, because it arises from bringing your case home to myself, from putting myself in your situation, and thence conceiving what I should feel in the like circumstances. But though sympathy is very properly said to arise from an imaginary change of situations with the person principally concerned, yet this imaginary change is not supposed to happen to me in my own person and character, but in that of the person withwhom I sympathize. When I condole with you for the loss of your only son, in order to enter into your grief I do not consider what I, a person of such a character and profession, should suffer, if I had a son, and if that son was unfortunately to die: but I consider what I should suffer if I was really you, and I not only change circumstances with you, but I change persons and characters.”

⁴⁹ *Vide* Smith (2002 [1759]: p.374): “My grief, therefore, is entirely upon your account, and not in the least upon my own. It is not, therefore, in the least selfish.”

desenvolvimento da linguagem gestual; os ‘neurónios espelho’ dedicados à compreensão das intenções estão localizados no lóbulo parietal inferior e são activados mediante a execução ou observação de uma acção motora, mas também aquando da execução ou observação de uma cadeia de acções – sem carga emocional – que lhe estão relacionadas, sendo impactados pelo contexto da acção, tipo de objecto e grau de repetição. Por fim, os ‘neurónios espelho’ responsáveis pela compreensão de emoções estão localizados na insula e amígdala, seriam activados com a execução ou observação de acções com elevada carga emocional, através da replicação das emoções percebidas nos outros, e estariam na base do comportamento ético e moral do ser humano.

Em Damásio as ‘emoções’ tratam-se de um processo biorregulatório neuronal, e os ‘sentimentos’ seriam melhor descritos como um processo de mapeamento mental dessas mesmas ‘emoções’. Em particular, um ‘sentimento ligado a emoção’ tratar-se-ia de um processo através do qual o indivíduo experiencia de forma consciente a manifestação física do seu estado emocional, sendo tal experiência possível devido à contínua monitorização de processos biológicos, tanto neurais como químicos. Assim, quando um indivíduo experiencia um ‘sentimento ligado a emoção’ a sua atenção tende a localizar-se na sua resposta corporal.

As definições de ‘empatia’ presentes na literatura partilham entre si o ênfase que atribuem à noção de replicação do estado emocional entre o observador e o observado, i.e. teoria da mente. Eisenberg (2000), por sua vez, estabelece uma importante diferenciação entre ‘empatia pura’ e ‘simpatia’ na medida em que ‘empatia pura’ seria uma réplica automática do estado mental do outro, ou da percepção do indivíduo sobre o estado mental do outro, em que a distinção entre um e outro esbate-se; enquanto a ‘simpatia’ envolve um processo cognitivo em que o indivíduo compreende o estado emocional do outro, desencadeando um sentimento de dor, pena ou preocupação pelo outro, ainda que os seus estados mentais não sejam necessariamente coincidentes. Neste contexto, em que as posições sobre a motivação original para o processo de ‘empatia’ se situariam entre ‘egoísta’ ou ‘altruísta’, poder-se-ia sugerir que a posição de Adam Smith estaria do lado dos últimos, na medida em que para o autor haveria uma clara distinção entre o ‘eu’ e o ‘outro’.

Conclusão geral

O ponto de partida da tese é o processo de ‘simpatia’ em Adam Smith, e em particular o papel que este mecanismo adquire na fundação da moralidade do homem, na medida em que permitiria ao indivíduo auto-avaliar a ‘propriedade’ dos *motivos* e ‘mérito’ das *consequências* das suas acções, e como tal colocar os interesses de outros antes dos seus – uma figura descrita pelo autor como ‘espectador imparcial’.

Do ponto de vista evolucionário, tal ímpeto para a cooperação com outros membros da sua espécie pode ser entendido à luz do instinto de ‘reciprocidade’ de Veblen. Segundo este autor, tal instinto teria evoluído ao longo de diferentes ‘fases’, estas ditadas pelo progresso da técnica. Assim, o instinto da ‘reciprocidade’ ter-se-ia dado, numa primeira fase (‘selvagem’), através do trabalho em comunidade, resultando no desenvolvimento da comunicação. Depois, com a participação em actividades bélicas e religiosas, e o fomento de hierarquias sociais (fase ‘bárbara’). E, por fim, com a obediência ao quadro de regras institucionais e as leis de mercado (fase ‘comercial’).

É notável observar que na última fase (‘comercial’) Veblen retrata o instinto de ‘reciprocidade’ como tendo sido substituído, em grande medida, por regras e instituições. Um aspecto similar é explorado em Joseph Schumpeter, que se refere à burocratização da ‘liberdade de escolha’ e ‘iniciativa privada’ como um dos factores destruidores das fundações do capitalismo.

Por outro lado, um mecanismo idêntico ao descrito por Smith como estando na base da moralidade do homem é invocado por Galbraith para justificar o crescente consumismo verificado na sociedade norte-americana do século XX. Em particular, o autor refere-se à propensão do homem para a imitação e comparação social como uma das justificações para o facto da oferta determinar a procura, na medida em que a aquisição de versões mais actualizadas dos mesmos produtos seria um sinal de *status* social. Adicionalmente, a propensão para a ‘empatia’ qualificar-se-ia como uma ferramenta ao serviço da publicidade de produtos no mercado.

Já em Gendron a existência de um determinado nível de capital emocional, onde se inclui a ‘empatia’, seria tido como crucial para o desenvolvimento de capital humano, em particular a aquisição de *kow-how* (educação) e a sua aplicação (trabalho). Porém, segundo a autora a formação de capital emocional dependeria criticamente de certos factores institucionais como a estabilidade da estrutura familiar, a mitigação de estereótipos sociais e a existência de valores educacionais bem definidos. É admissível alinhar tal concepção de ‘empatia’ com a noção apresentada por Smith, na

medida em que tanto a virtude de ‘propriedade’ e o mecanismo do ‘espectador imparcial’ como o desenvolvimento de capital humano estariam associados a uma agenda de moralidade do ser humano em que a ‘empatia’ seria tratada como um canal para o melhoramento do comportamento humano – uma tónica substancialmente diferente à que acima foi exposta por Galbraith.

Por fim, a ligação entre a evidência recolhida sobre a pré-disposição do cérebro humano para a ‘reciprocidade’, tanto a nível químico (‘oxitocina’) como neuronal (‘sistema de neurónios espelho’ e ‘mapeamento de sentimentos e emoções’), e as reflexões atrás efectuadas sobre as alterações evolucionários e institucionais, leva-nos a formular uma série de questões sobre a evolução futura da capacidade ‘empática’ do ser humano:

- Estará a capacidade do ser humano ‘empatizar’ em progresso ou retrocesso?
- Que metodologias poderão vir a ser desenvolvidas para testar a relevância da ‘empatia’ no desenvolvimento do capital humano?
- Que políticas públicas poderão ser adoptadas no sentido de fomentar o desenvolvimento de capital emocional?
- No enquadramento institucional futuro, terá o ser humano maior propensão a utilizar a sua capacidade ‘empática’ em processos industriais, como a publicidade, ou em processos artísticos, espirituais e humanistas?
- Será no futuro possível (e até desejável) manipular geneticamente a pré-disposição do cérebro humano para a ‘reciprocidade’ de forma a fomentar uma maior ‘cooperação’ entre seres humanos?

Referências

- Batson, C. D., Sager, K., Garst, E., Kang, M., Rubchinsky, K., & Dawson, K. (1997). Is empathy-induced helping due to self–other merging?. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(3), 495.
- Carter, C. S. (1992). Oxytocin and sexual behavior. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 16(2), 131-144.
- Cordes, C. (2005). Veblen’s “Instinct of workmanship”, its cognitive foundations, and some implications for economic theory. *Journal of Economic Issues*, 39(1), 1-20.
- Damásio, A.R. (1995). *Descartes’ Error: Emotion, Reason and the Human Brain*. New York: Avon Books.
- Decety, J., & Lamm, C. (2006). Human empathy through the lens of social neuroscience. *The Scientific World journal*, 6, 1146-1163.
- Duesenberry, J. S. (1949). *Income, Saving and the Theory of Consumer Behaviour*. London: Oxford University Press.
- Eisenberg, N. (2000). Emotion, regulation, and moral development. *Annual Review of Psychology*, 51(1), 665-697.
- Galbraith, J. K. (1998 [1958]). *The Affluent Society*. New York: A Mariner Book, Houghton Mifflin Company.
- Gendron, B. (2004). Why Emotional Capital Matters in Education and in Labour? *Les Cahiers de la Maison des Sciences Economiques*, 1–37, Paris: Université Pantheon-Sorbonne.
- Goldman, A. (1993). Ethics and cognitive science. *Ethics*, 103, 337–360.
- Hoffman, M.L. (1982). Development of prosocial motivation: empathy and guilt. In: Eisenberg, N. (Ed.). *The Development of Prosocial Behavior*, (281–313), New York: Academic Press.
- Hume, D. (2000 [1739]). *A Treatise of Human Nature*. Edited by Lewis Amherst Selby-Bigge. Oxford: Clarendon Press.

Hutcheson, F. (2002 [1728]). *An Essay on the Nature and Conduct of the Passions, with Illustrations on the Moral Sense*. Edited by Aaron Garrett. Indianapolis: Liberty Fund.

Ickes, W. (1997). *Empathic Accuracy*. New York: The Guilford Press.

Montes, L. (2004). *Adam Smith in Context: a Critical Reassessment of Some Central Components of his Thought*. New York: Palgrave Macmillan.

Morgan, H. (1877). *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery, through Barbarism to Civilization*. New York, Henry Colt and Co.

Rizzolatti, G., & Craighero, L. (2004). The mirror-neuron system. *Annu. Rev. Neurosci.*, 27, 169-192.

Rizzolatti, G., & Craighero, L. (2005). Mirror neuron: a neurological approach to empathy. In: Changeux, J.-P., Damásio, A.R., Singer, W., & Christen, Y. (Eds.). *Neurobiology of human values*, (107-123), Berlin: Springer.

Say, J. B. (1832). *A Treatise on Political Economy or the Production, Distribution and Consumption of Wealth*. Philadelphia: Grigg & Elliott.

Schumpeter, J. (2003 [1943]). *Capitalism, Socialism and Democracy*. New York: Taylor & Francis e-Library.

Smith, A. (2002 [1759]). *The Theory of Moral Sentiments*. Edited by Knud Haakonssen. Cambridge: Cambridge Texts in the History of Philosophy.

Veblen, T. (1918 [1914]). *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*. New York: B. W. Huebsch.

Veblen, T. (1990 [1914]). *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*. New York: Routledge.

Wegner, D. M. (1980). The self in prosocial action. In: Wegner, D. M., Vallacher, R. R. (Eds.). *The self in social psychology*, 131-157, New York: Oxford University Press.

